



**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA,  
REVISÃO E REDAÇÃO**

**SESSÃO: 019.2.54.N**

**DATA: 15/10/12**

**TURNO: Vespertino**

**TIPO DA SESSÃO: Solene - CN**

**LOCAL: Plenário Principal - SF**

**INÍCIO: 17h35min**

**TÉRMINO: 20h28min**

DISCURSOS RETIRADOS PELO ORADOR PARA REVISÃO

Hora	Fase	Orador

**Obs.:**



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a reverenciar a vida e a trajetória do grande político brasileiro Ulysses Guimarães.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Já está compondo a Mesa, juntamente comigo, o Vice-Presidente da República e Presidente do PMDB Michel Temer.

Convido para participar da Mesa a Vice-Presidente do Congresso Nacional, Exma. Sra. Deputada Rose de Freitas; a filha do homenageado, Sra. Celina Campello; a Ministra de Estado da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, Sra. Ideli Salvatti; o Ministro-Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Sr. Wellington Moreira Franco; o Presidente Nacional do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Sr. Senador Valdir Raupp; o Líder do Partido do Movimento Democrático Brasileiro no Senado, Exmo. Sr. Senador Renan Calheiros; o Líder do PMDB na Câmara dos Deputados e um dos signatários da presente homenagem, Deputado Henrique Eduardo Alves.

Convido também o Presidente do Partido dos Trabalhadores, Rui Falcão, para participar da Mesa, e o Presidente de Honra do PMDB, Paes de Andrade.

Composta a Mesa, peço a todos que de pé acompanhemos o Hino Nacional, que será cantado pelo Coral do Senado Federal, sob a regência da Maestrina Glicínia Mendes.

*(É executado o Hino Nacional. Palmas.)*



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Desejo registrar também a presença nesta sessão dos Deputados Federais Albano Franco, Darcísio Perondi, Eduardo Cunha, Marinha Raupp, Mauro Benevides e Osmar Terra; do Presidente da Fundação Ulysses Guimarães, de Brasília, Sra. Rose Rainha; dos familiares do homenageado, Ibsen Ramenzoni Neto, Francisco Silva Neto e Tito Henrique Silva; da Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara dos Deputados do Exmo. Sr. Ulysses Guimarães durante a Constituinte, Sra. Dorothy Prescott; do assessor e secretário particular do homenageado de 1947 a 1992, Oswaldo Manicardi (*palmas*), e também do grande amigo de Ulysses Guimarães que foi Marco Aurélio. (*Palmas.*)

Senhoras e senhores servidores do Governo do Distrito Federal, senhoras e senhores presentes, todos honram e engrandecem esta sessão.

Antes de conceder a palavra ao primeiro orador desta sessão, o Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Michel Temer, registro a presença muito honrosa para todos nós do Ministro Nelson Jobim, eminente figura brasileira e que também, ao lado de Ulysses Guimarães, foi um dos grandes construtores da Assembleia Nacional Constituinte.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Michel Temer, para que seja o primeiro orador desta sessão.

**O SR. MICHEL TEMER** - Sr. Presidente do Congresso Nacional Senador José Sarney, tomarei a liberdade de saudar na sua pessoa a todos os ilustres que têm assento nesta mesa e também aqueles que estão no plenário.

Numa primeira palavra, quero dizer que rememorar e reverenciar a figura do Dr. Ulysses Guimarães é rememorar e reverenciar o Brasil novo, porque, afinal, o Brasil nasceu juridicamente em 5 de outubro de 1988. E nasceu, vou dizer uma obviedade, uma trivialidade, um Estado Democrático, um Estado participativo, um Estado que se opunha ao Estado anterior, que era autoritário, centralizador, ditatorial.

Então, homenagear a figura do Dr. Ulysses Guimarães, esta é a primeira ideia que me ocorre, é reverenciar o novo Brasil.

E, para homenageá-lo — sei que outros tantos oradores dirão a respeito da sua vida, da sua trajetória política extraordinária —, quero relembrar um fato que ocorreu comigo pelos idos de 1972.

Em 1972, num sábado à noite, eu me dirigia a um bairro distante da Capital para levar uma pessoa muito pobre que me havia pedido esse favor. Num dado momento, eu passo em frente a uma espécie de bar, de boteco, e lá vejo numa caminhonete Kombi uma figura calva, um cidadão calvo fazendo um discurso para 30, 40 pessoas.

Eu parei, Presidente Sarney, curioso, e fui verificar quem era. Era o Dr. Ulysses Guimarães. Fiquei olhando. Eu, que não havia ingressado na vida pública,



fiquei seduzido por suas palavras. E não só pelas palavras, mas pelo fato em si. Um homem daquela envergadura! Quando me deparei com o Dr. Ulysses Guimarães, pensei: meu Deus, um homem destes, às 7 horas da noite, num sábado, fazendo pregação para 30, 40 pessoas, num entusiasmo tal, como se falasse a milhares de pessoas. E realmente a pregação que ele fez para aquelas 30, 40 pessoas depois tomou conta do nosso País e permitiu, precisamente, o surgimento do novo Brasil em 5 de outubro de 1988.

Eu confesso aos senhores e às senhoras que esse foi o primeiro momento — já relatei este fato em outros foros — em que, digamos assim, eu me inclinei para a vida pública. Fiquei muito admirado com aquele fato singelo, tão significativo e tão expressivo: interessante como é forte, como é saudável a vida pública. Foi a primeira vez que me ocorreu a ideia de ingressar na vida pública, o que só fiz muitos anos depois, quando me elegi Deputado Federal Constituinte.

Sempre foi marcante para mim esse brevíssimo episódio que estou a relatar.

Depois, durante a Constituinte, pude verificar a força extraordinária do homem público Ulysses Guimarães. Na verdade, quando falo desse Brasil novo, vejo Ulysses Guimarães na Constituinte e o Presidente Sarney presidindo o País e dando-nos todas as condições para, democraticamente, reconstituir o Estado brasileiro. Foi a presença do Presidente Sarney que permitiu o trabalho livre e soberano da Assembleia Constituinte, mas foi a força de Ulysses Guimarães conduzindo a Constituinte brasileira que conseguiu produzir, reitero, o novo Estado brasileiro.

Vou dizer aos senhores e às senhoras que, não fosse a liderança extraordinária de Ulysses Guimarães, sua capacidade de agregação, sua



---

capacidade de formulação de conceitos, sua capacidade de somar os contrários, não teríamos uma Constituição no Brasil.

Eu observava muito a conduta do Dr. Ulysses Guimarães, seja quando ele agia moderadamente, com muito equilíbrio, seja quando exercia sua autoridade, seja, como lembra muitas vezes o Ministro Jobim, quando não havia mais como decidir, então decidia ele, e todos o acompanhavam.

Confesso que isso de alguma maneira serviu de norte, muito mais modesto, para a minha vida pública. Eu aprendi, talvez como o Dr. Ulysses, a ouvir. Ele tinha uma paciência extraordinária. Ouvia seguidamente as pessoas.

Tenho dito, Presidente José Sarney, que eu não tive convivência estreita com o Dr. Ulysses, mas pude verificar, e este é o depoimento de quem observou a trajetória política do Dr. Ulysses Guimarães, sua extraordinária capacidade de comandar. Convenhamos: eu, Presidente da Câmara dos Deputados, quando pretendia convocar uma sessão extraordinária para sexta-feira ou sábado, inimaginável, enfrentava grande dificuldade. Pois o Dr. Ulysses Guimarães convocava sessões para sexta-feira, sábado, domingo, e lá ficava como condutor da construção do novo País. Nós todos ficávamos aqui em Brasília, obedientes à autoridade extraordinária do Dr. Ulysses, não porque ele ocupasse o cargo de Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, mas por sua liderança natural. Os senhores sabem, nós todos que estamos na vida pública sabemos que não é o cargo que dá a liderança. Muitas vezes pessoas sem cargo já são líderes. O Dr. Ulysses Guimarães somava a liderança natural ao cargo mais significativo do País naquela época, o de Presidente da Assembleia Nacional Constituinte.



Estou a relatar estes fatos para revelar a extraordinária importância que o Dr. Ulysses Guimarães teve para nosso País. E, honrosamente, eu menciono nosso partido, o PMDB, homenageando nosso Presidente Rui Falcão, do PT, e companheiros de outros partidos que também eram, são e continuam, Presidente Paes de Andrade, admiradores da figura desse grande brasileiro, porque nós sabemos que foi no PMDB que ele conseguiu agregar o País e levar adiante as grandes teses, inovadoras, da nossa nacionalidade.

A garantia dos direitos individuais, a democracia participativa, amálgama que temos da democracia direta com a democracia indireta, direitos sociais, foram todas pregações levadas adiante pelo Dr. Ulysses e acolhidas por aqueles que acompanhavam a sua liderança.

Hoje na Vice-Presidência da República, mas tendo passado a maior parte do meu tempo no Poder Legislativo, eu verifico que coisa grandiosa foi o Poder Legislativo para o Dr. Ulysses. Ele jamais deixou de ser Deputado Federal. Jamais foi ocupar cargo que não fosse o de Deputado Federal, com o que elevou o nome do Legislativo brasileiro, tanto o da Câmara como o do Senado, à glória de realizar, volto a dizer, este novo Estado brasileiro.

Portanto eu quero, nestas breves palavras, revelar a minha gratidão. Primeiro, minha gratidão pessoal, porque, rememorando esse episódio de 1972, eu diria aos senhores e às senhoras que aquele foi o primeiro toque que eu tive: um dia estarei na vida pública. Não para seguir e conseguir alcançar os passos dados por Ulysses, mas sabendo que os passos que ele deu foram a segurança absoluta para que eu viesse a trilhar este caminho. Em segundo lugar, minha gratidão de brasileiro. Nós tivemos um novo Estado, e democrático, em outubro de 1988. E, finalmente, quero





homenageá-lo como peemedebista. Na verdade, como eu sempre estive no meu partido, o PMDB, tive na figura do Dr. Ulysses, como tiveram todos os peemedebistas, o norte para a minha ação. Não é sem razão que o nosso movimento foi o Movimento Democrático Brasileiro. Este é o nosso partido, um partido que se mobiliza em favor da democracia brasileira, mas que tem como símbolo, como força motriz, a figura extraordinária, Oswaldo Manicardi e familiares do Dr. Ulysses, do Dr. Ulysses Guimarães.

Minha homenagem, portanto, a este Congresso e aos autores deste requerimento, homenagem que faço em meu nome e em nome do Executivo Federal, e tomo a liberdade, Ministra Ideli Salvatti, de fazê-lo também em nome da Presidenta Dilma Rousseff, para dizer que Executivo, Legislativo e Judiciário, Poderes independentes e harmônicos entre si, se orgulham da figura de Ulysses Guimarães.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Antes de conceder a palavra ao primeiro orador desta sessão, devo proferir algumas palavras como Presidente desta Casa.

Confesso que escrevi um pequeno texto sobre Ulysses Guimarães, que irei ler, mas antes, de repente, evidentemente, eu senti que estava vivendo uma comoção neste momento, quando estamos reverenciando a memória de Ulysses Guimarães.

Pertencíamos, ele mais velho do que eu, à mesma geração política. E juntos participamos de grandes momentos da história brasileira, desde a década de 1950.

Olhando para o passado, eu me recordo de uma frase de Rilke, grande poeta, quando ele escreveu sobre a morte do escultor Rodin. E ele dizia: *“Todos os grandes homens já morreram”*.

Conheci eu Ulysses Guimarães jovem, eu, Deputado da UDN, e ele, Presidente da Câmara, no Palácio Tiradentes, do PSD, na década de 1950, e em 1955, na legislatura, quando entrei na Câmara dos Deputados.

Tinha Ulysses um ar que inspirava a todos nós um grande respeito. Tinha um ar severo, que, mesmo sendo também jovem, lhe dava uma impressão de uma certa superioridade — a que ele tinha direito pelo seu talento e pela sua posição política — e de uma certa distância.

Os anos lhe amaciaram os gestos e os olhos. Gozava da fama, então, no Rio de Janeiro, de grande articulador e de ser firme nas suas convicções. Cedo ingressou no chamado sacro colégio, que era composto dos grandes nomes do PSD e tinha a presidência do Comandante Amaral Peixoto, genro do Presidente Vargas.



Os fatos, em 1964, o encontraram nessa posição. Ei-lo, então, como acontece na nossa vida política, diante de suas circunstâncias, como dizia Ortega y Gasset. Agiganta-se, ocupa o vazio. Articula, conversa, resiste e, pouco a pouco, transforma-se no grande restaurador da democracia. Tem seu momento mais alto como anticandidato à Presidência da República.

Ulysses era um exímio costurador e alinhavava com extrema perfeição a conspiração da boa causa. Muitas vezes, já aqui em Brasília, depois de uma palavra, de um discurso, de um gesto duro, ele aparecia em nossa casa, eu, Presidente do PDS. E o que ele vinha fazer? Convidar-me para conspirar, para que o ajudasse a queimar etapas na então transição lenta, gradual e segura, anunciada pelo Presidente Ernesto Geisel. E assim posso dizer que éramos bons amigos. Tínhamos o tempo e uma longa convivência, e disso resultava a nossa intimidade.

Veio o momento decisivo da minha renúncia ao PDS, e a catequese de Ulysses passou a ser diária, a ser mais forte, agora dividindo outras reuniões com outros companheiros. O seu quarto, de simplicidade franciscana, no Hotel Bristol, passou a ser um “aparelho”. Dali saíram as estratégias que levaram à eleição de Tancredo Neves.

Eu, Vice-Presidente da República, era sempre uma figura incômoda. Desde a campanha começa a criar problemas de protocolo. Não digo eu. Digo a Vice-Presidência da República, que é sempre uma figura incômoda. Nesse sentido, nos Estados Unidos surgiu uma intensa literatura, uma das quais, sobre a importância da vice-presidência, dizia que ela dividia tanto que deveria ter cuidado até o servidor de café da Casa Branca, porque, dependendo do lado em que ele colocasse a xícara, poderia ofender o Presidente.



Eu procurava manter-me, durante a campanha, afastado da ribalta. Nada de muitas evidências. Muitas vezes me esqueciam. Eu sabia que era assim. A vice-presidência sempre foi considerada um cemitério de elefante. Ulysses, delicadamente, bom político, vendo todas as coisas, sempre estava atento a esses pormenores. Educado, reclamava e me pedia: *“Sarney, avança um pouco. Fica à frente. Força um pouco a porta”*. E eu dizia: *“Ulysses, eu não tenho jeito para papagaio de pirata”*. E Tancredo, quando via Ulysses, lhe dizia: *“O Sarney já é da Academia Brasileira de Letras, Ulysses, e tem o senso da proporção. Deixa ele ficar onde ele está”*.

Com a morte de Tancredo, foi em Ulysses que me apoiei. Nunca, na História deste País, alguém teve tanto respeito e tanta consideração do Presidente quanto Ulysses Guimarães. Três figuras, Pinheiro Machado, Afrânio de Melo Franco — na incapacidade de Delfim Moreira — e Ulysses Guimarães, gozaram dessa força e desse prestígio. Ulysses eu considero, e posso dizer, como modesto historiador, leitor da história da Brasil, que foi maior do que esses dois antecessores. Maior é o seu talento, maior é a sua responsabilidade e também maior é a sua grandeza. Mas ele tinha uma coisa que ninguém podia tirar dele: era o fascínio pela voz das ruas. Para ele era uma flauta mágica. A ninguém devotou maior fidelidade. A opinião da rua era a opinião do povo, e o povo era o seu único guia.

Ulysses nasceu a 6 de outubro de 1916. Começou a vida como advogado tributarista e professor de Direito. Mas seu destino inexorável, sua vocação irresistível, era, sem dúvida, a política. Com a chegada da democracia liberal de 1946, foi Deputado da Constituinte Estadual de São Paulo de 1947. Já pertencia



então ao PSD, por onde viria a ser eleito Deputado Federal em 1951. Na Câmara dos Deputados ficou por onze mandatos consecutivos.

Já disse que o encontrei na Presidência da Câmara em 1956. Ele voltaria a exercer o cargo em 1985 e em 1987, então acumulando a função de Presidente da Assembleia Nacional Constituinte. Nestas últimas ocasiões, tive a oportunidade de apoiá-lo.

Seu breve interregno no Executivo, como Ministro da Indústria e Comércio do gabinete parlamentarista de Tancredo Neves, não mudou seu perfil de ser, antes de tudo, um Parlamentar e, mais ainda, um Deputado.

Foi bom que Michel Temer tenha ressaltado que ele sempre quis ser Deputado. Nunca quis disputar uma eleição majoritária. Ele se sentia no seu terreno, na sua água, como a gente pode dizer, na Câmara dos Deputados.

Na marca de sua coerência, quando veio o bipartidarismo, foi um dos fundadores do MDB, e chefiou a sua transformação no PMDB na reforma de 1979. Foi anticandidato à Presidência da República em 1973, como ressaltei, e seria candidato natural à Presidência se tivessem prevalecido as eleições diretas. Quando finalmente foi candidato, em 1989, as urnas abriram-se em novas circunstâncias, causando-lhe grandes amarguras.

Ulysses sempre soube atuar muito bem sobre os núcleos de decisão. Ele sabia como essas coisas são tomadas e sabia atuar no momento exato e preciso. Ele era uma voz que não podia deixar de ser ouvida e uma força de equilíbrio. Ele era o muro da lamentação dos aflitos e marginalizados pelas lideranças nas lutas parlamentares, e a todos sabia untar com os santos óleos da paciência nos purgatórios das esperas.



Ulysses era a expressão, a face da Casa. Era o articulador experimentado, circulava entre todos os partidos, e tinha chegado àquela situação de respeito que lhe davam, de estar acima do bem e do mal.

Os deuses são velhos. Ninguém representa os deuses jovens. Velhos são os profetas, e os sábios, e os magos. O tempo envelhece tudo, mas é dele que se faz a vida. Nos homens, o direito ao respeito e à dignidade se decanta com a idade. Num país onde não se sabe envelhecer e onde se considera a velhice uma desonra, Ulysses envelheceu renascendo todos os dias. E ele repetia: *“Sou velho, mas não sou velhaco”*. Em cada momento ele segurava uma nova bandeira. Os anos não lhe faziam mal. Vejo as novas gerações, quando souberam de sua morte, numa prece convulsa que não para, a repetir a sua solidão e o amor a esse político, que conseguiu, pelo fascínio, chegar ao coração dos moços. O tempo e as injustiças lhe afastaram todos os musgos para realçar o homem de Estado.

D. Pedro II foi visto chorando em público quando morreu o Visconde de Bom Retiro, seu amigo e notável homem público. Pois eu vi meus filhos chorarem quando Ulysses morreu. E eu me habituei a chorar com a garganta, certo de que os velhos políticos não devem chorar em público. Fiquei em casa, para guardar minhas lágrimas.

Até nossos desencontros foram enriquecedores. Eles se processaram sempre em silêncio, civilizadamente, diminuindo nossas longas conversas e não aumentando o tom de nossas palavras. De volta ao Congresso nos reencontramos. Havia felicidade nessa volta. Afinal, éramos remanescentes de um tempo raro que começava a desaparecer. Daquela política em que o intelectual tem as mãos dadas ao político, do pensar coletivo, do “trabalhar para todos”, como dizia Tiradentes, de



parâmetros morais, de gestos e coisas simples, de exemplos de austeridade, do amor à família, das horas gastas nas longas noites de perplexidades sobre a angústia dos nossos problemas e a incapacidade que temos, muitas vezes, de resolvê-los.

Naquele outubro de 1992 foi difícil pensar numa paisagem política do Brasil sem Ulysses Guimarães. Ele era a Câmara. Ele era o seu símbolo. Ele era o símbolo do PMDB. Já falava por provérbios. Era um mago das grandes causas, um vidente das esperanças. Um velho que, para ser novo, não gostava de reminiscências. Não falava do passado, só discorria sobre o futuro.

Seu pai, ao colocar-lhe o nome, foi buscá-lo no herói mitológico. Aquele Ulysses que viveu tantas guerras, que atravessou tantos perigos e tantas vezes foi ao mar. Venceu tempestades como a que o separou de Agamenon. A de Zeus que o poupou na Trinácia. Que foi ao mar mais profundo e resistiu às sereias. Que viveu tantas aventuras.

Nosso Ulysses sempre gostou de associar a política ao mar. Adotou o lema de Pompeu Magno, retomado em Sagres, reperpetuado por Fernando Pessoa: *“Navegar é preciso, viver não é preciso”*. Ele não podia passar aquela noite deitado no silêncio de Angra dos Reis. A política o inquietava, chamava-o. Ela exigia a noite, a madrugada, o outro dia e mais o outro, até a eternidade. Era preciso navegar. Ele navegou no “Mar dos Antigos”, a enseada em que venceu a última de todas as suas tempestades, a da própria vida. Ninguém o chamará jamais de velho esclerosado e senil. E santo da nossa História política. Que bela vida! Rica e cheia de exemplos.



Até na morte o destino deu-lhe a presença dos amigos, dos assessores, dos amores: Dona Mora, a deusa companheira, e Severo Gomes, que não pode ser esquecido, que ali estava, com sua virtuosa esposa, Henriqueta.

Du Bellay, poeta da Plêiade, movimento de defesa e ilustração da língua francesa que tinha à frente Ronsard, tem um alexandrino que diz tudo sobre a vida do outro Ulysses e do nosso Ulysses: *“Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage”* (feliz aquele que, como Ulysses, fez uma bela viagem). Viveram todos os perigos, mas saíram íntegros para a eternidade.

Muito obrigado. (*Palmas.*)





**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Senador Sérgio Souza, primeiro signatário do requerimento desta homenagem no Senado Federal, também subscrito por mim, pelo Deputado Henrique Eduardo Alves e pelo Senador Renan Calheiros.

**O SR. SÉRGIO SOUZA** (PMDB-PR. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney, Sra. Vice-Presidente, Deputada Rose de Freitas, meu caro Presidente licenciado do PMDB, o Vice-Presidente da República, Michel Temer, Presidente em exercício do PMDB, Senador Valdir Raupp, Ministra Ideli Salvatti, meu Líder aqui no Senado, Senador Renan Calheiros, Líder Henrique Eduardo Alves, demais componentes da Mesa, familiares, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados:

Reúne-se nesta data, em Sessão Solene, o Congresso Nacional para reverenciar a vida e a trajetória de um brasileiro da mais extraordinária estatura política e moral, o Dr. Ulysses Silveira Guimarães.

Se a dimensão de uma biografia deve ser medida pelas marcas que aquele indivíduo produziu na história de seu País, pelas contribuições que deu para o avanço da sociedade, para o aperfeiçoamento das instituições, é forçoso, então, concluir que Ulysses Guimarães possui uma das maiores e mais ricas biografias entre todos os políticos brasileiro do século XX.

Desaparecido há 20 anos, no dia 12 de outubro de 1992, Ulysses Guimarães desempenhou, na história deste País, um papel cuja importância está muito além da nossa modesta capacidade de descrever em palavras. Somente aqueles que tiveram o privilégio de acompanhar sua trajetória na vida pública, que se estendeu por mais de 5 décadas, podem ter a adequada percepção daquilo que ele



representou, seja ao servir de inspiração na luta para os seus liderados, seja ao acalantar a esperança de dias melhores para nosso povo, seja ao oferecer parâmetros de conduta digna, reta e corajosa para todos os que se dedicam à vida pública.

Sr. Presidente, naquela quadra da nossa história em que a Pátria estava mergulhada na noite tenebrosa do arbítrio e do terror, o Dr. Ulysses encarnou a esperança de todo um povo de que haveria redenção, de que a liberdade haveria de novo de alvorecer, de que a tirania haveria de ser superada. Capitaneando a luta pelos valores mais caros à alma humana, norteando pelos ideais sublimes da liberdade, da igualdade e da fraternidade, Ulysses manteve acesa a chama da justiça e da verdade em meio às sombras da opressão.

Quando a sanha liberticida dos golpistas atropelou a Constituição, buscou calar o Parlamento e submeter o Judiciário, Ulysses se manteve firme na reivindicação de que o Estado de Direito fosse restabelecido e o regime democrático restaurado. Consciente de que a democracia é a única via por meio da qual o povo pode exercer o sagrado direito de escolher o seu destino, Ulysses foi incansável no combate ao regime de exceção. Em memorável discurso em rede nacional de rádio e televisão, durante o programa do MDB em 29 de abril de 1978, Ulysses afirmou: *“O mal que dizima e desestabiliza a Nação só tem um nome e um diagnóstico: ausência de democracia; e só uma cura: restabelecimento da democracia”*.

Senhoras e senhores, foi a partir da instauração do regime militar, em 1º de abril de 1964, que a ação política de Ulysses Guimarães viria a adquirir uma nova dimensão. Em outubro de 1965, quando da extinção dos partidos políticos então existentes e da imposição do bipartidarismo pelo Ato Institucional nº 2, Ulysses, um



---

dos principais organizadores da agremiação oposicionista, o Movimento Democrático Brasileiro, foi escolhido Vice-Presidente de seu Diretório Nacional, sendo a Presidência confiada ao General Oscar Passos, Senador pelo Estado do Acre.

A partir de então, a trajetória política de Ulysses Guimarães se confunde com a história da agremiação que ajudou a fundar. Nascido diminuto, acuado pela truculência repressiva do regime militar, o MDB, sob a liderança de Ulysses, que assumiu a sua Presidência em 1971, consolidou-se pouco a pouco, chegando, ao longo de décadas de combate democrático e libertário, à condição de maior partido do Brasil e canal privilegiado para a expressão e a consecução dos anseios do povo brasileiro.

É importante que se relembre, Sras. e Srs. Congressistas, a difícil situação vivida pelo MDB quando Ulysses assumiu seu comando. O regime militar vivia sua fase de maior fechamento e a oposição estava brutalmente cercada.

Com sua bancada federal reduzida a bem menos de um terço da composição das Casas do Parlamento, o MDB não podia alimentar qualquer veleidade de aprovar algum projeto de lei ou de impor alguma derrota parlamentar à Aliança Renovadora Nacional (Arena), o partido governista. Em face dessa situação, alguns emedebistas lançaram a tese da autodissolução do partido. Radicalmente contrário a essa proposta, o Presidente do MDB considerava possível derrotar o regime jogando dentro das regras por ele próprio criadas. Aos poucos, Ulysses foi consolidando sua liderança, conseguindo estabelecer uma ponte entre os dois grupos em que se dividia o partido: o dos “autênticos” e o dos “moderados”.



Foi em 1973 que Ulysses Guimarães alçou-se à condição de verdadeiro símbolo nacional de resistência ao regime militar. Quando da sucessão do General Emílio Garrastazu Médici na Presidência da República, surgiu a ideia de que o MDB deveria lançar não um candidato, mas um “anticandidato”, com o objetivo de desmascarar o jogo de cartas marcadas que era a ratificação, pelo Colégio Eleitoral, da escolha realizada pela alta cúpula militar. Ao percorrer o território nacional, o “anticandidato” teria como missão não a conquista de votos, mas a denúncia dos crimes da ditadura.

Ulysses foi a escolha natural para desempenhar a missão, tendo a seu lado, como “anticandidato” à Vice-Presidência, o insigne jornalista Barbosa Lima Sobrinho, também ele uma autêntica reserva moral da Nação. Por ocasião da Convenção Nacional do MDB que formalizou sua candidatura, Ulysses pronunciou um discurso muito eloquente. A certa altura, afirmou:

*“O paradoxo é o signo da presente sucessão presidencial. Na situação, o anunciado como candidato em verdade é o presidente. Não aguarda a eleição, e sim a posse. Na oposição também não há candidato, pois não pode haver candidato a lugar de antemão provido. (...) Não é o candidato que vai percorrer o País. É o anticandidato, para denunciar a antieleição, imposta pela anticonstituição que homizia o AI-5, submete o Legislativo e o Judiciário ao Executivo, possibilita prisões desamparadas pelo habeas corpus e condenações sem defesa, profana a indevassabilidade dos lares e das*



*empresas pela escuta clandestina, torna inaudíveis as vozes discordantes, porque ensurdece a Nação pela censura à imprensa, ao rádio e à televisão, ao teatro e ao cinema.”*

Srs. e Sras. Congressistas, a inabalável determinação de Ulysses Guimarães, sua capacidade de aglutinação e de composição política em muito contribuíram para que as diversas reivindicações do programa emedebista fossem afinal conquistadas.

Em 1979, o projeto da Lei da Anistia foi aprovado pelo Congresso Nacional. Em novembro de 1980, foram restabelecidas as eleições diretas para os Governos dos Estados e foi extinta a figura do Senador “biônico”. O restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República e a convocação da Assembleia Nacional Constituinte foram decididos já no Governo do Presidente José Sarney, após a vitória da chapa encabeçada por Tancredo Neves na eleição de janeiro de 1985, a última disputada no Colégio Eleitoral.

Instalado o Congresso Constituinte, em fevereiro de 1987, Ulysses tomou em suas honradas mãos a missão de chefiar a elaboração da Lei Maior, acumulando, naquele período, as Presidências do PMDB, da Câmara dos Deputados e da Assembleia Nacional Constituinte. Sua participação foi fundamental para a elaboração da Carta que há quase 24 anos serve de norte para a trajetória desta Nação, de longe a Constituição mais democrática e avançada que já regeu a vida política e social do Brasil.

Foi com muita satisfação e orgulho, portanto, Sr. Presidente, Sr. Vice-Presidente da República, que apresentei o requerimento para realização, nesta data, de Sessão Solene em homenagem à memória de Ulysses Guimarães. Orgulho de



---

pertencer ao PMDB, o partido que, sob a liderança de Ulysses Guimarães, tanto contribuiu para a redemocratização do País. Satisfação pela oportunidade de prestar uma justíssima homenagem a esse homem que foi paradigma das qualidades que fazem um grande estadista.

Ao desaparecer no mar, 20 anos atrás, Ulysses Guimarães deixou um enorme vazio no cenário político brasileiro. Sua ausência vem sendo sentida desde então. Dele nos lembramos a cada vez que a Nação se defronta com grandes desafios. Sabemos bem que, caso tivesse ele ficado mais tempo entre nós, menos árduo seria nosso caminho na consolidação das instituições, no aprimoramento das práticas políticas.

Por isso, é sempre importante lembrar o seu legado, manter vivo seu exemplo de dedicação incondicional à causa da liberdade e da democracia.

Hoje, por exemplo, os partidos políticos passam por um momento delicado, há uma evidente despartidarização, o resultado das eleições de 2012 é um reflexo claro da personalização das eleições, cada vez mais os cidadãos brasileiros votam em pessoas, com um claro distanciamento das ideologias. A inércia do Congresso Nacional em não votar a reforma política leva ao iminente fim das aglomerações de pessoas que partilham a mesma ideia para a sua cidade, seu Estado, seu País, tornando os partidos políticos meras siglas necessárias ao registro dos candidatos, uma condição de elegibilidade tão somente.

Ulysses construiu através da ideologia um movimento que mostrava o único rumo que o Brasil deveria seguir: o da democracia. Viveu para isso, viveu e agiu para o fim da ditadura, lutou pela redemocratização deste País, foi Presidente da Constituinte que fez a Constituição Cidadã e consolidou as eleições diretas, entre



---

outras ações que deram muito orgulho ao povo brasileiro, à Nação brasileira e ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Penso, entretanto, que é chegada a hora de reinventarmos o partidarismo no Brasil, e rápido, porque se não o fizermos perderemos a essência da democracia, onde o coletivo e o bem comum devem prevalecer. Precisamos reescrever os estatutos partidários, mantendo sua principiologia, mas trazendo-os para o hoje, quando vivemos a realidade de informações que chegam a todos em tempo real e que precisamos interpretar corretamente, diferenciando opinião pública de publicada; precisamos restabelecer parâmetros de patriotismo, de civismo, de ética e de moral; precisamos ter mais orgulho de ser brasileiros e vergonha de ser chamados de país do jeitinho.

O Brasil se reinventa a todo tempo. Vivemos o nosso quarto momento na história recente, tendo sido o primeiro o fim da ditadura, com a Constituição Democrática e Cidadã de 1988 e as eleições presidenciais diretas.

O segundo, o fim da inflação e a instituição de uma moeda forte e estável, o real.

O terceiro o tempo da inclusão social, com a valorização do salário e o aumento de seu poder de compra, o que tornou o Brasil um dos maiores consumidores do mundo e garantiu o crescimento econômico que nos elevou ao patamar de sexta maior economia global.

E agora vivemos nosso quarto momento, em que temos de agir na velocidade da “banda larga” e diminuir violentamente o Custo Brasil, para nos tornarmos competitivos globalmente, com a queda acentuada dos juros, a otimização dos modais de transportes, a diminuição da burocracia e a extirpação da corrupção e



dos corruptores, elementos necessários para que o Brasil siga no trilho do desenvolvimento e do crescimento.

O Brasil é um país que tem passado, é o país do presente e será o maior e melhor país do futuro. O Brasil é o melhor país do mundo, e muito graças a Ulysses Guimarães.

Somos a revelação do terceiro milênio. Somos a sexta maior economia do mundo. Somos o gigante adormecido que se levanta. E seremos, quando menos esperarmos, um país de Primeiro Mundo.

Spre, que a memória de Ulysses Guimarães possa sempre inspirar as nossas e as novas gerações de brasileiros, pois assim poderemos estar seguros de que a chama da liberdade jamais haverá de se apagar neste País.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)





**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Com a palavra a Deputada Rose de Freitas, em nome da Presidência da Câmara dos Deputados.

**A SRA. ROSE DE FREITAS** (PMDB-ES. Sem revisão da oradora.) - Inicialmente saudando todos os presentes a esta sessão, quero saudar o Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney, inclusive pela bela homenagem prestada a Ulysses Guimarães, e dizer que V.Exa. talvez tenha conseguido resumir não a história, mas o que representou para este País a figura do nosso querido e saudoso Presidente do PMDB Ulysses Guimarães; o Vice-Presidente da República, querido Michel Temer; a Ministra Ideli Salvatti; o Ministro Moreira Franco; o Presidente Valdir Raupp; o signatário Senador Renan Calheiros; o Líder Henrique Alves; o Presidente do PT, Rui Falcão; e o nosso querido Paes de Andrade. Vê-lo é como se estivesse vendo também toda a história que foi desfilada aqui pelas palavras do nosso querido Presidente José Sarney. Saúdo ainda Nelson Jobim, presente a esta sessão. Saudando a todos, vou saudar, e em nome da Deputada Rosinha da Adefal, os Deputados colegas da Câmara.

Eu gostaria de dizer que minhas palavras serão breves, até porque eu fui uma aprendiz, uma aluna que teve a oportunidade de ver períodos inesquecíveis da minha vida, também como Constituinte, ao lado de Ulysses Guimarães. Uma das passagens citadas pelo Vice-Presidente Michel Temer é sobre quando ele dizia: “*Vamos votar*”. Estivesse onde estivesse qualquer um dos políticos deste País, estava presente na sessão da Assembleia Nacional Constituinte.

Nesses anos todos que se passaram, podemos dizer, olhando a história e conversando agora com o Presidente José Sarney, que parece que estamos voltando ao passado. É como se o passado estivesse tão distante, que só na



---

memória, só na história, estaríamos contemplando esta homenagem a Ulysses Guimarães. Mas ele está aqui, ele está no Brasil de hoje, presente.

Talvez seja bom que possamos falar sobre essa trajetória política que vai permanecer na história através dos tempos. Se os políticos mudaram, o povo não mudou, e por certo esse povo registra dentro de si o que foi o homem Ulysses Guimarães. Esse retrato desenhado pelo Vice-Presidente Michel Temer daquele homem em cima de um carro, às 7 horas da noite, com um microfone na mão, falando para as pessoas, ou talvez até sem microfone, era do anticandidato, do campeão da democracia, daquele que era capaz de refletir um pensamento que sempre ficou na minha cabeça, Presidente Paes: o de que as grandes mudanças não se operam em época de calmaria.

E foi exatamente na época mais conturbada da democracia, que engatinhava, que vinha a passos lentos, na Constituinte livre, soberana, neste momento, que vimos agigantar-se o homem Ulysses Guimarães, com sua participação na redemocratização do País, sua contribuição para a promulgação da nossa Constituição. Nós queríamos que fosse uma Constituinte exclusiva, mas foi uma Assembleia Nacional Constituinte formada por nós, Parlamentares. Na verdade, foi um grande momento deste País.

Aquela Constituição Cidadã de que todos falamos e que, muitas vezes, as pessoas acham que é uma Constituição comprida, que contempla capítulos inócuos, na verdade, poderia ser mais resumida, é a Constituição que foi escrita com um líder — com Nelson Jobim presenciando, que está aqui e que na época foi Relator — como Ulysses Guimarães presenciando.



Fui autora da tribuna livre, Sr. Presidente, em que demos oportunidade a indígenas, religiosos, segmentos organizados da sociedade, a todos de falar dentro de uma Assembleia Nacional Constituinte, expor, debater, reivindicar e apresentar suas propostas.

Estava ali um homem, um único homem, sentado naquela cadeira. Lembro-me de ir com o Presidente Lula, então Deputado, ao plenário na hora marcada. Passavam-se duas, três horas, e perguntavam: *“O que vocês estão fazendo aqui?”* *“Estamos aqui para a sessão”*. *“Só tem sessão na hora em que o Presidente Ulysses chega”*. E era exatamente assim. Quando ele chegava, todo o Plenário se reunia para trabalhar. E ele dizia, como repetiu várias vezes, Presidente Raupp: *“Vamos votar. Vamos votar”*.

Não deu nenhuma lição de moral a quem quer que seja, não foi exigente em nada. Apenas tinha uma maneira de olhar. Como disse o Presidente Sarney, seu olhar se transformou, com o tempo, num olhar sereno. Mas nunca deixou de ser um olhar altivo, nunca deixou de ter uma alma inquieta à procura daqueles momentos mais importantes para atuar.

Particpei de inúmeras reuniões. Quando quisemos formar o PSDB, realizamos uma reunião na minha casa — em outro apartamento, em uma longa reunião, estava o nosso Presidente Michel Temer —, e lembro que ele chegou, colocou a mão sobre a nossa — estávamos eu, o Domingos Leonelli, outro do Paraná, que esqueci o nome, e a Cristina Tavares — e disse: *“Calma. Há tempo para tudo. Não é esta a hora”*. E eu me lembro de que nós recuamos todos para refletir junto com ele, e o partido veio a surgir tempos depois.



Portanto, eu queria buscar na minha memória todas as palavras que eu ouvi do Ulysses, inclusive no meu aniversário, lá em casa, segurando a minha filha no colo. Mas eu me sinto um pouco como afilhada e discípula dele no que aprendi. Longe das ruas, nada. Sem ouvir o povo, nada. Sem ter o povo na cabeça ou se distanciando dele, acontece só aquilo que os políticos querem que aconteça, mas jamais aquilo que o povo almeja e deseja realmente.

Então, ele foi esse homem desse tamanho, dessa estatura. E o que vou registrar na minha alma política, na minha alma de mulher, de cidadã? Só registro um fato: eu tive a oportunidade de passar pelo caminho que Ulysses trilhava. Eu tive a oportunidade de ouvir suas palavras e de conversar com ele. Se eu não tinha nada na vida de tão importante a não ser meus filhos, minha família, tinha a oportunidade de estar atenta para poder aprender.

Hoje, no Dia do Professor, lembro que ele era professor. Muito mais do que Professor de Direito ou qualquer coisa parecida, ele foi professor da vida com ética, com transparência e, sobretudo, da vida com liberdade.

Então, eu quero saudar os seus familiares dizendo que, quando pensamos em tudo o que acontece à nossa volta, temos que lembrar sempre de agradecer, e hoje é dia de agradecer. Eu, no meu cantinho, particularmente, quero agradecer também a oportunidade que tive de poder passar por ele, ouvir suas palavras e ser por alguns anos na minha vida a sua aprendiz.

Muito obrigada. (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Senador Luiz Henrique, em nome da bancada do PMDB no Senado Federal.

**O SR. LUIZ HENRIQUE** (PMDB-SC. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Senador José Sarney; Sr. Vice-Presidente da República, Exmo. Sr. Michel Temer; Sra. Vice-Presidente do Congresso Nacional, Deputada Rose de Freitas; Sra. Ministra de Estado e Chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, ex-Senadora Ideli Salvatti; Sr. Ministro-Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Welington Moreira Franco; meu Presidente, Senador Valdir Raupp; meu Líder, Senador Renan Calheiros; Líder do nosso partido na Câmara, Deputado Henrique Eduardo Alves; Sr. Presidente do Partido dos Trabalhadores, Dr. Rui Falcão; caro amigo e companheiro Paes de Andrade, que saúdo como ex-Presidente do nosso partido.

O encontro foi no aeroporto de Guarulhos. Voltávamos de Brasília, em direção a Joinville, eu e minha mulher Ivete, para iniciar a disputa pelo segundo turno da eleição municipal. Encontramos emocionados e chorando os queridos amigos Embaixador Paulo Nogueira Batista e Dona Elmira. Eles nos abraçaram, e o Embaixador me disse: *“O helicóptero saiu de Angra ontem à tarde e não chegou a São Paulo”*.

Logo em seguida, confirmou-se a notícia de que a aeronave caíra no mar. Era preciso que algum amigo ou parente fosse a Angra dos Reis. E eu tive essa penosa missão de ajudar na identificação dos corpos de Severo, de Dona Mora e de Henriqueta.

Na quinta feira anterior — Oswaldo Manicardi é testemunha desse fato —, eu estava no gabinete quando Ulysses ligou: *“O que você está fazendo?”* Eu disse:



---

*“Estou atendendo o Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, Vereador Içuriti Pereira.” E ele me disse: “Traga-o aqui, vamos conversar”.*

Ulysses Guimarães esperava, naquele momento, um aviso do então Governador Luiz Antônio Fleury para embarcar em seu avião, em direção a São Paulo. Ele me chamou lá para me convidar para ir a Angra. Infelizmente não pude ir. Aproveitei aquela oportunidade para presenteá-lo com uma coletânea de discos de Glenn Miller, discos que haviam sido sepultados por bombardeiros aliados, durante a 2ª Guerra Mundial, que foram resgatados intactos, após uma escavação, 50 anos depois.

Quando levei aquele presente a Ulysses Guimarães, ele olhou para mim e disse: *“Homem feliz esse Glenn Miller. Teve uma vida de sucesso, uma vida feliz e desapareceu no mar. O mar é silêncio, é profundidade e paz”*. Não esqueço jamais, Celina, as palavras: o mar é silêncio, tranquilidade e paz!

Durante os últimos 10 anos de sua vida, fui seu interlocutor constante. Nunca antes ele havia falado em morte. Foi a primeira vez que eu o vi falar em morte — coincidentemente, 4 dias antes do fatídico desastre.

Contou-me minha mulher que Dona Mora, que era sua grande amiga, uma ou duas semanas antes, teve uma vontade irresistível de conhecer a Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Ela disse: *“Que vergonha, eu sou paulista e nunca estive lá!”* Levou Marta, fiel cozinheira de tantos anos. E lá foi. Rezou um tempo além do normal.

Ulysses Guimarães adorava crianças. Morreu no Dia das Crianças. Ele e Mora eram devotos de Nossa Senhora de Aparecida. Morreram no Dia de Nossa Senhora de Aparecida.



Ulysses era o velho chefe, o velho guerreiro, e teve a premonição de que a morte estava chegando, como a tinham os velhos chefes peles-vermelhas que iam para as pradarias esperar a hora final.

Vou relatar dois episódios marcantes na luta contra a ditadura, em Santa Catarina, em dois comícios, em Itajaí e em Curitibanos, na campanha municipal de 1976. Na mesma hora do comício do MDB, agendaram um jogo de futebol com duas equipes populares. E fizeram mais, quem fosse ao estádio participaria do sorteio de um automóvel, coisas da política antiética que nós estamos dia a dia consertando. Mesmo assim, uma multidão foi ao comício do MDB, e lembro-me das palavras de Ulysses: *“Eles têm os jogadores, que são pagos para jogar; têm os juízes, que são pagos para apitar; têm os mesários, que são pagos para marcar as súmulas; mas nós temos o povo na praça.”* Foi um delírio extraordinário!

‘No outro comício, na cidade de Curitibanos, no centro geográfico do território catarinense, não era um mar, era um oceano de gente! No ápice da festa cívica, o locutor, depois de fazer uma série de rodeios elogiosos, bradou com voz forte de radialista: *“Vai falar o político mais importante deste País, o homem que enfrenta a ditadura e é a esperança da volta da democracia. Com a palavra do Presidente do MDB, Deputado Ulysses Guimarães.”*

O que ocorreu naquele momento? Apagaram a luz da cidade. O Oswaldo se lembra disso. O comício ficou às escuras, sem microfone, sem alto-falante. Ulysses, com aquela voz forte que Deus lhe deu, começou a falar.

*“O poeta amazonense Thiago de Mello diz que abençoa a escuridão. Porque, depois da escuridão, vem o alvorecer de um novo dia.”* Eu lembro como se fosse hoje



as palavras que proferiu. *“Pois eu amaldiçoo esta escuridão, porque não é filha das mãos de Deus. É filha da arrogância, da prepotência dos homens que governam este País sem mandato do povo. O povo haverá de substituir as mãos que apagaram a luz, as mãos que decretaram essa escuridão intolerável e deplorável, pela luz da democracia, que haverá de cintilar das urnas livres, da vontade da nossa gente”.* (Palmas.)

Aquele discurso, feito diante de um silêncio sepulcral, acabou com o povo gritando: *“Ulysses, Ulysses! Liberdade, liberdade!”*

As eleições municipais ainda estão em curso e exaltaram, mais uma vez, os defeitos que remanescem na política brasileira.

O Senhor Diretas pregava muito mais que o voto livre e secreto. Queria um voto imune a qualquer influência: econômica, corporativa, estatal, estamentária, midiática ou movida por qualquer tipo de sectarismo racial, social, ideológico ou religioso. O Senhor Diretas era o senhor do voto livre, do voto limpo, meu caro Jobim, do voto convicto.

Vivo fosse, talvez tivéssemos logrado aprovar a reforma política, a tão inadiada reforma política, substituindo o financiamento privado, sem a transparência que toda eleição exige, pelo financiamento público, com visibilidade e equidade entre os partidos. Vivo fosse, Ulysses estaria lutando para que os programas eleitorais “gratuitos” — entre aspas — fossem feitos ao vivo, sem as custosas pré-produções, que transformaram o palanque eletrônico num espaço de puro *marketing*. Vivo fosse, estaria defendendo abertamente o voto partidário em lista





fechada, para substituir o voto em pessoas pelo voto em partidos nas eleições para Vereadores, Deputados Estaduais e Federais. *(Palmas.)* Vivo fosse, Ulysses estaria propugnando para que todos os mandatos fossem de igual duração, com uma só eleição coincidente a cada 5 anos. Vivo fosse, estaria propondo o fim da reeleição para prefeitos, Governadores de Estado e Presidente da República, ou, pelo menos, estabelecendo a renúncia obrigatória 6 meses antes da eleição. Vivo fosse, Ulysses lutaria para que os candidatos a Senador só pudessem ter um suplente, que não fosse o seu financiador, nem parente até o terceiro grau. Vivo fosse, Ulysses estaria liderando um movimento para que o País reduzisse a uns cinco o número de partidos e para que fossem vetadas as coligações nas eleições proporcionais.

Ulysses era a caminhada do Brasil para uma democracia verdadeira. Por isso, ao exaltá-lo aqui neste momento, quero recordar as palavras com as quais ele desceu da tribuna da Câmara quando deixou a presidência do partido: *“Vai, meu filho PMDB, caminha em direção ao sol, que é luz; não em direção à lua, que é noite e incerteza”*.

Fique o seu exemplo perdurando, remanescente, para que o Brasil constitua efetivamente a verdadeira democracia com a qual sonhamos.

Muito obrigado. *(Palmas.)*



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Vamos ouvir agora o Deputado Henrique Eduardo Alves, Líder do PMDB na Câmara dos Deputados e um dos signatários desta homenagem.

**O SR. HENRIQUE EDUARDO ALVES** (PMDB-RN. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente José Sarney, Vice-Presidente Michel Temer, em nome de quem saúdo as autoridades presentes à Mesa, nominando antes, em nome dos partidos aqui representados, o Presidente do PT, que muito nos honra, Deputado Rui Falcão, Celina Campello, em nome da família, Oswaldo Manicardi, em nome do povo brasileiro, os amigos, conhecidos, desconhecidos, anônimos por este País afora, que tanto devem à vida e à história de Ulysses Guimarães.

Meus senhores, minhas senhoras, serão rápidas as palavras, até porque pela Câmara dos Deputados, com muito orgulho, vai falar um colega de Ulysses Guimarães que viveu com ele intensamente todos esses momentos relatados aqui com tanta emoção por Luiz Henrique: o Deputado Mauro Benevides.

Quero apenas registrar aqui duas histórias para mostrar o Ulysses competência e o Ulysses coragem. Um deles, meu querido Presidente José Sarney, daquela época da truculência da ditadura militar. Eu, por exemplo, sou vítima dela; a minha família foi certamente a mais cassada deste País naquele período lamentável e obscuro para o povo brasileiro.

Houve um desses momentos graves de truculência, de violência, de decisões empurradas goela abaixo do povo brasileiro, que, amedrontado, calado, torturado, apenas passivamente eu assistia, e se cobrava naquele momento, do partido, que era o sentimento da resistência do povo brasileiro, uma manifestação.



E, de repente, o nosso querido MDB se dividia, meu querido Michel Temer, entre duas manifestações: uma nota à Nação brasileira — em uma democracia — redigida pelo nosso Tancredo Neves, saudosíssimo e à altura do querido Ulysses Guimarães, no seu tom mais conciliador, no seu tom mais discreto, mais fraterno; e a outra — porque o momento talvez o exigisse — mais virulenta, na redação de um Fernando Lyra, de um Teotônio Vilela. Enfim, as duas notas se colocavam à mesa, e o Brasil a esperar, a imprensa a cobrar a manifestação da democracia brasileira, que era, que era e que era o MDB.

De repente, Luiz Henrique, o nosso Ulysses resolve, diante da divisão das duas notas formuladas, decidir por uma ou por outra, e convoca rapidamente, em regime de urgência, a Executiva Nacional do PMDB.

Eu tinha vinte e poucos anos de idade. Cheguei aqui em 1970. Eleito em outubro, com 21 anos, assumi o mandato em janeiro, com 22 anos de idade.

De repente, fui convocado para a Executiva do PMDB às pressas. Chegando lá, querido Michel, querido Renan, vi uma mesa oval onde todos nessas horas de reunião se colocavam. O Dr. Ulysses, como sempre, pontual, à cabeceira da mesa. Eu, preocupado, novo ainda, menino ainda, a conhecer e já a sofrer as intempéries da vida pública e política, sentei-me logo ao seu lado como se pedisse a ele proteção para a decisão que o partido tomaria. Havia uma multidão de jornalistas e cinegrafistas, como hoje eles fazem — na época, talvez mais ainda porque era à espera da palavra da democracia, da coragem e da resistência do MDB.

Depois que todos chegaram — Teotônio, Marcos Freire, Thales Ramalho, Tancredo Neves — para tomar uma decisão, o Dr. Ulysses disse a eles: *“Nós estamos aqui diante de uma grave decisão a tomar. O País está a esperar. E nós*



---

*sabemos que o regime opressor também está a esperar. Ninguém sabe por que lado fazer, mas nós temos que decidir.”*

Aí leu a nota ao estilo Tancredo e leu uma nota dos autênticos, à época, do nosso querido MDB. Quando ele acaba de ler — uma, moderada, a outra, virulenta — disse: *“Vamos à votação”* — meu querido Paes de Andrade. *“Vamos à votação. Vamos decidir agora porque o Brasil está esperando”*. Quando ele, num gesto instintivo, meu querido Michel, bota a mão assim num braço, quem estava logo ao lado dele para dar o primeiro voto? Eu. Com vinte e poucos anos de idade, naquela responsabilidade! Eu, a dar o primeiro voto, a primeira decisão diante daquele momento difícil. Quando ele pegou assim num braço e viu que era eu, disse: *“Não, vamos começar pela esquerda”*. Aí passou para o lado esquerdo, graças a Deus! O alívio que eu tive! Graças a Deus mudou o lado. Quando eu fui dar o voto, ao final, ao jeito de Ulysses, a decisão já estava tomada. Naturalmente, para reunir um colégio daqueles, de 13 Líderes, membros da Executiva Nacional... Ele não faria, ao velho estilo do PSD, uma reunião daquelas se não soubesse o seu resultado. A nota mais virulenta, mais corajosa, mais resistente, a que o povo queria, foi a nota que o MDB despachou para o País. Esse momento me marcou, pela coragem de Ulysses, pelas decisões que um líder tem que tomar correndo todos os riscos. O que importa é a causa, é a motivação, é o desassombro. Esse é o Ulysses.

Teve um outro momento, meu querido Luiz Henrique. V.Exa. citou dois e eu vou citar o segundo. Ulysses Guimarães, candidato a Presidente da República, como anticandidato à Presidência da República, e Barbosa Lima Sobrinho o seu Vice, percorreram o País. Foram a Natal, em companhia também do nosso grande companheiro, já saudoso, Nelson Carneiro, e de Tancredo Neves. Foram a Natal.



Quando chegaram a Natal, Ulysses perguntou: *“Onde é a reunião, Henrique?”* Eles chegaram à meia-noite. Seria no dia seguinte. Eu falei: *“Dr. Ulysses, aqui em Natal a prática que nós temos não é de reuniões fechadas. Nem sabemos fazê-las. Aqui é na praça pública. Os nossos encontros todos são na praça pública”*. E era na Praça Gentil Ferreira, na minha cidade de Natal. Tudo era lá. Tudo acontecia lá. É a história política da minha cidade. Pois marcamos lá. Só que chega a notícia de que o Secretário de Segurança expedira, portanto, uma decisão arbitrária, à moda da época: como era uma anticandidatura, não era uma eleição direta, só se permitiam manifestações em recintos fechados, em sindicatos, associações, centros acadêmicos, OAB. Na praça pública, não. Nunca. Nenhuma. Seria a primeira. Eu disse: *“Dr. Ulysses, nós aqui não temos... Por isso que eu marquei... O senhor me desculpe. Eu marquei na Praça Gentil Ferreira”*. Ele disse: *“Vamos ver como amanhecemos amanhã, Henrique, para tomarmos uma decisão”*. Fomos dormir. Amanheci lá. Falei: *“Dr. Ulysses, o que vamos fazer? O comício está marcado para as 8 horas da noite, na Praça Gentil Ferreira”*. Ele disse: *“Vá falar com o Secretário de Segurança, meu filho, e tente uma solução”*. Eu fui para lá. O sujeito demorou 6 horas para me receber. Durante 6 horas — eu já era Deputado Federal — fiquei numa antessala à espera de ser atendido pelo Secretário de Segurança da época, que, de propósito, deixava o tempo passar para que o comício não se realizasse. Eu voltava, falava com Ulysses, voltava para a Secretaria de Segurança.

Quando, afinal, pouco antes de *A Voz do Brasil*, 18 horas e pouquinho, me chamam à Secretaria de Segurança para dizer que havia chegado uma decisão. Nelson Carneiro tinha provocado o Presidente do Supremo, seu colega, que estava numa granja próximo a Brasília, e conseguiu que alguém fosse lá e viesse, portanto,



a determinação de que era possível realizar, sim, aquele encontro na praça pública de Natal.

Mas a Secretaria de Segurança segurou essa manifestação — depois soubemos que chegou às 15 horas — para só me dar a informação 18 horas e pouquinho. O comício estava marcado para as 20 horas na Praça Gentil Ferreira.

Eu vou ao Dr. Ulysses e digo: *Dr. Ulysses, chegou aqui agora essa manifestação*. Ele disse: *“O que vamos fazer agora, Henrique?”* Eu respondi: *“Presidente, não há como fazer. O povo vai como mandam”*. Mandamos parar carro de som, mandamos parar a divulgação. Ninguém falou mais nisso. Era um tempo proibido. *“Não tem outro caminho, Henrique?”* *“Não. Ou tem: nós temos a Rádio Cabogi AM”* — até hoje a mais popular de Natal, de nossa família há muitos e muitos anos. Ele disse: *“A solução é você ir para a rádio, Henrique”*. Eu disse: *Mas falta pouco tempo para A Voz do Brasil, Sr. Presidente. Faltam 10, 15 minutos*. Ele disse: *“Vá, menino!”*

Eu estava preocupado porque a rádio era uma concessão. Eu tenho um tio conservador, que já se foi. Liguei para ele e ele disse: *“Você está louco! Vão nos cassar a concessão. Nem pensar nisso! Vou falar com seu pai”*. Foi pior. Quando falou para Anísio, ele disse: *“Vá para a rádio”*. Aí piorou mesmo. E eu naquela dúvida, naquele drama de consciência, disse: *“Dr. Ulysses...”* — sempre ele! E ele falou: *“Coragem, menino! Vá para a rádio!”* E eu fui para a rádio.

Faltavam poucos minutos para entrar o programa *A Voz do Brasil*. Dez, 12, 15 minutos. Eu virei locutor, DJ, comunicador, animador. Tocava o Hino Nacional, a música de Chico Buarque de Holanda *Vai passar*, todos aqueles hinos da democracia. E eu, convidando o povo de Natal para ir ao comício que fora proibido e



que não era mais. Fiz isso durante 10, 15 minutos. Resultado: os minutos se passaram. Eram 8 horas da noite. Dr. Ulysses, Nelson Carneiro, Tancredo Neves disseram: *“Vamos, Henrique, está na hora.”* E eu ligava para o nosso assessor, que dizia: *“Henrique, não tem ninguém. Na praça só tem o carro do som”*. Era um caminhão em que se instalava a gambiarra, uma iluminação razoável. E não tinha ninguém! E eu dizia: *“Meu Deus do Céu, o que eu vou fazer? Botei o Dr. Ulysses e o Barbosa Lima Sobrinho nessa situação!”* E Ulysses dizia: *“Vamos, Henrique!”* E eu: *“Vamos, Presidente!”* E fomos. No caminho, graças a Deus, e talvez à força de Ulysses, à medida que íamos nos endereçando para a praça, de repente, como que do nada, ou por tudo, de repente, as pessoas enfileiradas como se um formigueiro de gente fosse, saindo das esquinas, das ruas, dos bairros mais próximos, chegando, chegando. Quando eu vi aquilo acontecer, falei: *“É o povo indo para a praça”*. Resultado: 20h30min chegamos lá. Subindo e pegando a rua que dava para a Praça Gentil Ferreira, de repente, quando chegamos lá, Michel, e subimos naquele caminhão-palanque, era a multidão que já ia se formando. E foi um dos maiores comícios da história de Natal. Depois recebi, num gesto de gratidão que nunca esqueci, uma carta assinada e redigida de próprio punho por Barbosa Lima Sobrinho, publicada depois no *Jornal do Brasil*, dizendo: *“O Comício de Natal”*.

Era esse Ulysses Guimarães, que fez parte da minha vida. Eu sei que tem muitas motivações para muitos PMDBs do Brasil. Muitos têm as suas histórias próprias, as suas lideranças regionais, mas o PMDB do meu Estado tem na sua marca o desassombro, a coerência, a resistência, a luta e o amor ao PMDB de Ulysses Guimarães. Esta é a maior marca do PMDB do meu Estado: Ulysses Guimarães.



Ao encerrar aqui, minhas senhoras, meus senhores, povo brasileiro que nos assiste, eu diria que meu pai foi quem me ensinou a vida pública, a política, as suas alegrias, as suas frustrações, as suas vitórias, os seus insucessos, mas sempre, sempre, a sua coerência, o seu amor ao seu partido como base de sustentação de qualquer processo democrático, ou nação que quer se respeitar. Partido e democracia juntos para fazer valer o direito do cidadão à sua própria cidadania. O meu pai me ensinou, mas foi Ulysses Guimarães quem me encorajou.

Encerro as minhas palavras, e permita, Presidente José Sarney, em nome do meu Rio Grande do Norte, do meu MDB, hoje PMDB, de tantas histórias que vivi, e todos vivemos ao lado dele, que agora o Brasil possa ouvir uma salva de palmas, como se todo o povo brasileiro pudesse estar agora ouvindo, vendo, recordando, sentindo saudade, homenageando. Peço uma salva de palmas vigorosa para Ulysses Guimarães, em nome do povo brasileiro. *(Palmas.)* Obrigado Ulysses Guimarães pelo meu Estado, pelo meu povo, pelo Brasil e pelo PMDB. *(Palmas.)*

Muito obrigado.





**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra à Senadora Ana Amélia Lemos. V.Exa., como Senadora e mulher tão atuante na Casa, tem a palavra.

O Deputado Mauro Benevides, como todos nós, vai saber esperar um pouquinho. Nós estamos alternando, um Deputado e um Senador.

**A SRA. ANA AMÉLIA LEMOS** (PP-RS. Pela Liderança. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) - Meu caro Presidente José Sarney, à medida que, encantada, eu ia ouvindo os pronunciamentos, eu ia fazendo alterações nas minhas singelas palavras de manifestação. Por isso, queria fazer a cedência ao nosso querido Deputado Mauro Benevides, que honrou esta Casa.

Quero saudar todos os homenageados na figura do nosso Presidente José Sarney. Quero cumprimentar os Parlamentares veteranos que tiveram a oportunidade de conviver de modo mais próximo ao Dr. Ulysses Guimarães, como os Senadores Luiz Henrique da Silveira, Jarbas Vasconcelos, o Deputado Mauro Benevides e também o ex-Ministro, meu amigo, Nelson Jobim, e a eles pedir licença. Peço licença ainda aos autores do requerimento desta sessão conjunta, os Senadores Renan Calheiros e Sérgio Souza e ao Deputado Henrique Eduardo Alves, para falar dessa importante figura da política brasileira.

Eu o faço com muita honra, em nome do meu partido, o PP, e do nosso grande líder Francisco Dornelles. É preciso coragem e até ousadia para falar após pronunciamentos tão importantes, em que se exaltou o homenageado, especialmente o que falou o Presidente José Sarney sobre Ulysses. Não foi um discurso. Foi uma ode poética a uma figura que enalteceu a política brasileira e usou a palavra com refinamento e contundência para defender suas crenças na liberdade



e na democracia. Não há como falar da história do Brasil, da democracia brasileira pós-64, sem falar em Ulysses Guimarães, que no dia 12 de outubro de 1992, há 20 anos, morreu a bordo do helicóptero que o transportava de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, para São Paulo. Seis dias após completar 76 anos, o Dr. Ulysses morreu com a mulher, D. Mora, o casal de amigos Marieta e Severo Gomes e o comandante da aeronave, Jorge Comeratto.

Oito anos antes da fatalidade que tirou a vida de Ulysses, como repórter, eu acompanhava o movimento civil das Diretas Já, criado para pressionar o regime militar por eleições diretas no Brasil. Fui testemunha daquela importante etapa para a democracia brasileira e nem imaginava, em nenhum momento, que um dia estaria aqui nesta tribuna como Senadora, reverenciando a memória do grande timoneiro da liberdade, da redemocratização e da esperança.

Eu tenho uma história interessante com o Dr. Ulysses, que era um homem formal, um homem atencioso, um homem cordial. Eu comandava uma redação só de mulheres, aqui em Brasília, no jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul. Um dia pedi apoio ao ex-Deputado Aldo Fagundes, do meu Estado, do PMDB, que tinha uma grande convivência com o Dr. Ulysses, para que agendasse uma entrevista com ele. Marcada a entrevista, em pleno período da Constituinte, fomos fazer a entrevista com o Dr. Ulysses. Nós nos preparamos. Eram quatro jornalistas. Eu liderando aquela equipe, chegamos à sala dele, na Liderança do PMDB, na Câmara dos Deputados.

Ao término de uma entrevista em que falamos sobre todas as coisas, mas sempre reverenciando a figura de Ulysses Guimarães, e ele, talvez, acostumado com aquelas repórteres mais ao estilo dos anos 70, talvez tenha se dado conta de



alguma coisa e, na sua elegância, na sua forma, às vezes, surpreendente de ser, encostou o corpo à moldura da porta do seu gabinete e, do alto, nos olhou ainda sentadas naquela sala e disse, para nossa surpresa, mas para nossa felicidade também: *“Vocês têm cara de mulheres muito bem amadas”*. Um jeito muito próprio de Ulysses Guimarães ter uma relação de humanidade num momento de relevância para o País.

Eu, talvez, tenha feito a última entrevista com o Dr. Ulysses Guimarães antes da morte dele, uma entrevista às vésperas do aniversário dele. Eu fiz essa entrevista na *Rádio Gaúcha* e, ao final, eu perguntei a ele: *“O senhor, que vai fazer aniversário brevemente, o que gostaria de receber de presente?”* E ele respondeu singelamente: *“Um Brasil mais justo e mais democrático”*.

Poderíamos ficar horas falando de Ulysses, mas ainda assim não esgotaríamos todas as informações sobre sua importância na história política do Brasil. Não tenho dúvidas de que Dr. Ulysses foi o grande líder dos movimentos mais cruciais para a nossa democracia, como o movimento das Diretas Já. Aliás, o ex-Presidente da República e sociólogo Fernando Henrique Cardoso costuma dizer que Ulysses era o senhor das ruas e das eleições diretas, da pregação consistente e persistente.

O jornalista do jornal *O Globo*, meu amigo Jorge Bastos Moreno, que acompanhou muito de perto a vida do Dr. Ulysses e de D. Mora, está escrevendo um livro, ainda sem data para ser divulgado, sobre a vida de Ulysses Guimarães. Será um presente, certamente, não só para os amigos de Ulysses Guimarães, mas também, especialmente, para todos os cidadãos brasileiros e brasileiras, amigos e amigas da liberdade. Ele, como Orlando Britto, o fotógrafo que tem uma das



imagens mais famosas de Ulysses, costuma lembrar a simbólica frase dele: “*Essa cúpula*” — referindo-se ao Congresso Nacional — “*representa o tamanho do Brasil e dentro dela devem caber todos os anseios da sociedade*”.

Aliás, atrás da Praça dos Três Poderes, bem perto daqui, no Congresso Nacional, há um bosque, criado no dia 4 de outubro de 1988 — o Bosque dos Constituintes —, onde foram plantadas 600 árvores. Na época, Dr. Ulysses plantou uma delas nesse espaço criado para simbolizar os novos tempos da Constituição brasileira, uma homenagem também aos membros da Assembleia Nacional Constituinte, muitos dos quais estão aqui presentes, com muito orgulho para mim.

Ao plantar a árvore, ele disse o seguinte: “*A Constituição passará, mas o bosque marcará, por 600 anos, a memória dos Constituintes de 1988*”. Hoje, coincidência ou não, segundo os jardineiros e funcionários do Governo do Distrito Federal que cuidam com muito carinho daquele local aqui no Distrito Federal, a árvore mais frondosa do bosque é a que o Dr. Ulysses plantou. A vida tem dessas coisas.

A presença forte do Dr. Ulysses em Brasília também está no conhecido Restaurante Piantella, que expõe, na parede de sua sala mais exclusiva, a foto do cliente mais fiel e mais importante, Marco Aurélio: o Dr. Ulysses Guimarães, o Senhor Diretas, o senhor da Constituinte Cidadã.

Não sei se por ficção ou por realidade, ali se popularizou o *poire*, aquele licor feito de pera. Havia a turma do *poire*, que ali estava. O nosso Senador Luiz Henrique, sorrindo aqui, confirma que não era ficção, era realidade. Muitas das coisas boas podem ter ali sido discutidas naquele momento.



Encerro esta singela manifestação em homenagem à memória do Dr. Ulysses Guimarães usando uma frase dele que se refere aos políticos, ao que ele pensava sobre a política e a democracia, e que é, para mim, uma Parlamentar iniciante, estreante, uma aula de comportamento e de atitude.

Ele escreveu:

*“Política não se faz com ódio, pois não é função hepática. É filha da consciência, irmã do caráter, hóspede do coração. Eventualmente, pode até ser açoitada pela mesma cólera com que Jesus Cristo, o político da paz e da justiça, expulsou os vendilhões do Templo. Nunca com a raiva dos invejosos, maledicentes, frustrados ou ressentidos. Sejam fiéis ao Evangelho de Santo Agostinho: ódio ao pecado, amor ao pecador. Quem não se interessa pela política, não se interessa pela vida”.*

Muito obrigada. (Palmas.)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Teremos agora a honra de ouvir o Deputado Mauro Benevides, figura muito importante da história política do Brasil e, sem dúvida, um repositório de episódios, de momentos e de decisões a que assistiu e das quais participou.

**O SR. MAURO BENEVIDES** (PMDB-CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente José Sarney, ao anunciar a minha inscrição para falar nesta sessão memorável, V.Exa. foi extremamente generoso, concedendo-me o privilégio de fazê-lo agora, não sei se baseado na máxima do Evangelho segundo a qual os últimos poderão ser os primeiros. Não tenho a pretensão de ser o primeiro, porque o que ouvimos hoje aqui foram peças oratórias que nos confortaram a todos e nos levaram a lembrar fatos e acontecimentos memoráveis vivenciados por Ulysses Guimarães, com quem convivi muito de perto, desde os tempos em que exerci a Presidência do nosso partido no Ceará e, posteriormente, como integrante da Direção Nacional. E sabe muito bem o nobre Senador Luiz Henrique — não sei por que se acanhou em fazer as referências encomiásticas a respeito — dos grandes projetos de recondução dos amigos de Ulysses Guimarães para o Diretório Nacional da nossa agremiação.

Portanto, Sr. Presidente, fico muito grato a V.Exa. pela referência feita e, ao saudá-lo, naturalmente, saúdo os demais integrantes da Mesa, sem deixar de mencionar o Vice-Presidente Michel Temer, que também, na condição de primeiro orador, exaltou a figura inconfundível do grande Senhor Diretas; a Exma. Sra. Deputada Rose de Freitas, colega que aqui representa a Vice-Presidência do Congresso Nacional ou, talvez, o Presidente Marco Maia, cabendo a mim representar, neste instante, a Câmara dos Deputados; a Sra. Celina Campello, aqui



representando o seu irmão, Tito Henrique da Silva Neto, e, naturalmente, os demais membros da família presentes.

Tito, que estava em viagem ao exterior, não pôde chegar a tempo de participar desta sessão e trazer aqui sua solidariedade — ele que, como enteado, foi o filho que Ulysses não teve, mas que D. Mora ofereceu para que fosse sempre o compartilhador dos projetos e ideias que Ulysses apresentava à consideração dos amigos e da família.

Quero saudar, do mesmo modo, a Sra. Ministra e Senadora Ideli Salvatti, que, integrando o primeiro escalão governamental, tem prestado excelente contribuição ao Governo da Presidente Dilma Rousseff; o Presidente do partido, o Senador Valdir Raupp; o Senador Renan Calheiros, que, com apuro e equilíbrio, já dirigiu esta Casa e que desponta na Liderança como uma das figuras exponenciais do PMDB, e o nosso Líder na Câmara dos Deputados, o Deputado Henrique Eduardo Alves, que acaba de proferir discurso em que citou fatos os mais relevantes, mas que se esqueceu de um deles.

Refiro-me à nossa presença em memorável acontecimento que teve como figura central o grande Governador Aluizio Alves: um comício no bairro da Vila Naval, quando Ulysses Guimarães credenciou Marcos Freires e a mim para que representássemos ali o antigo MDB. Foi um espetáculo tão deslumbrante, que a vitória de Aluizio Alves só não foi expressada nas ruas, porque, naquele momento, o guante implacável da legislação, o voto vinculado, impediu que Aluizio Alves, vitorioso em Natal, tivesse o mesmo respaldo no interior potiguar.

Obrigo-me a fazer tal referência neste momento até para homenagear o meu Líder. Naturalmente, aquela grande figura, esteja onde estiver, está se sentindo



---

reconfortado pela relembração que me dispus a fazer neste momento, para homenagear não V.Exa., mas ele próprio.

E, na sintonia de pais e filhos, quero exatamente mostrar a tradição de lutas democráticas que os integrantes da sua família possuem no Estado.

Quero saudar também o Líder Valdir Raupp; o nosso Presidente, que até há pouco estava aqui e deixou em seu lugar o Líder Romero Jucá, e o Presidente do PT, que deixa agora este plenário, mas que trouxe com sua presença a sintonia entre nossas siglas no enfrentamento de batalhas que estão por vir.

Cito, por fim, o grande Antônio Paes de Andrade, líder incontestado do Grupo dos Autênticos, uma fase recuada do partido, e que continua com a mesma fibra e a mesma disposição para defender os ideais que, ao longo do tempo, o tornaram uma figura respeitada na vida pública brasileira.

Menciono também a presença de nossos colegas Darcísio Perondi, Eduardo Cunha, Francisco Escórcio, Marinha Raupp, Osmar Terra, Pedro Novais, Renan Filho e Rosinha da Adefal e, naturalmente, aquelas outras pessoas que, merecendo o nosso registro, trazem a esta solenidade esplendor significativo.

Sr. Presidente José Sarney, V.Exa. pode avaliar o que representa para mim ocupar este microfone hoje — microfone que tantas e seguidas vezes ocupei durante os 16 anos em que permaneci nesta Casa na condição de representante do povo. Aqui cheguei, senhoras e senhores, no momento em que a opinião pública brasileira reagiu ao regime de arbítrio que se instalara entre nós. Éramos, naquela ocasião, 16 Senadores, Senadores que revolucionaram a vida política brasileira, porque trazíamos a intenção firme e deliberada de restabelecer a normalidade político-institucional no País. Aqui, nós nos sucedíamos todos os dias, fazendo uma





pregação obstinada. Com isso, aos poucos, conscientizávamos a opinião pública do País sobre a necessidade de que buscássemos, sem tardança, aquilo que só alguns anos depois chegou completamente, com a promulgação da Carta de 5 de outubro de 1988.

Essa é a manifestação preliminar de um discurso, Sr. Presidente, que não me dispensarei de fazer, porque aqui cumpro uma delegação da Câmara dos Deputados. Então, sou compelido a ler este pronunciamento em que espelho um sentimento não apenas meu, mas, sobretudo, dos 512 companheiros, que, somados a mim, compõem a Câmara dos Deputados, Casa em que pontificam os representantes do povo brasileiro.

Com o objetivo de perpetuá-lo no panteão dos heróis da Pátria, o PMDB idealizou a mobilização de seus filiados de todo o País em ação rememorativa da indormida luta de Ulysses Guimarães em favor do avigoramento da democracia.

A saga de sua incessante porfia não poderia restringir-se aos que, numa convivência longa ou mesmo intermitente, souberam identificá-lo como um baluarte destemeroso na batalha em prol da reconstitucionalização do Brasil.

Enfrentando, com incomparável altanaria, os que se contrapuseram à normalidade institucional, soube ele se fazer acatado pelos segmentos conscientizados da sociedade civil brasileira.

Em meio século de afã ininterrupto, extravasou os seus inigualáveis pendores de líder prestigiado, profligando desmandos cometidos contra as prerrogativas públicas e os direitos individuais.

Tornou-se, por seus méritos incontáveis, galvanizador dos nossos sentimentos libertários, entre os quais preponderou a revitalização dos anseios da



---

cidadania, transformados quotidianamente em bandeira empalmada com firmeza inabalável.

Consolidou a sigla da qual foi primeiro presidente o General e Senador Oscar Passos, a quem se predispôs a suceder logo a seguir, imbuído do incontrastável intento de configurar um novo e promissor cenário no qual prevalecessem direitos inalienáveis, postergados por draconiana legislação, ao arrepio dos trâmites legais.

Em algumas oportunidades, quando mais veementes os protestos contra a usurpação de direitos fundamentais de pessoa humana, os seus mandatos estiveram ameaçados, mas preservados, quase sempre, em acatamento à grandeza de esforço inaudito e à exemplar coerência de sua enfática pregação nas tribunas e praças públicas, como a deslumbrante concentração aqui não mencionada do Vale do Anhangabaú, prestigiada por mais de 1 milhão de pessoas.

Defrontou-se, nas ruas de algumas Capitais por onde peregrinava civicamente, com ostensivas e insólitas limitações, obrigando-se a repeli-las com a altivez e a sobranceira características de sua postura irrepreensível.

No digladiar interno de correntes que se antagonizavam no nosso próprio hábitat partidário, impunha-se pela indesmentível hombridade legada aos nossos correligionários, mesmo os mais renitentes no confronto exacerbado de paixões ocasionais.

Amargou incompreensões e clamorosas injustiças, a maior delas a ínfima votação a ele atribuída na disputa presidencial de 1989, sem que isso arrefecesse o seu propósito elogiável de propugnador intemorato, reunindo novas energias e retemperando-as para o embate com outras correntes nos arriscados lances de indestrutível liderança, embasada na sua incomensurável força moral.



Mas foi sobretudo no restabelecimento do Estado Democrático de Direito que se altearam, senhores e senhoras, a tonitruância de sua voz firme e o compromisso de propiciar ao País uma Lei Magna na qual estivessem explicitamente inseridas as inalienáveis aspirações dos nossos compatriotas.

Numa árdua empreitada de quase 2 anos, ele chegou a 5 de outubro de 1988, obrigando-se a cancelar algumas concessões que longe estavam de macular a sua veraz intenção de propiciar ao Brasil algo que nos permitisse vivenciar clima imperturbável de tranquilidade e de consideração às minorias, em muitos dos diversificados estamentos sociais.

Embora adepto confesso do parlamentarismo, não pôde furtar-se ao reconhecimento segundo o qual o presidencialismo era o sistema de governo que mais se ajustaria à realidade nacional, conforme aferido em anterior consulta plebiscitária, apurada criteriosamente pela Justiça Especializada.

Patroneou, em cadeia de televisão, candente defesa da soberania de nossa Constituinte, quando se irrogaram à face da Assembleia hipotéticas concessões que sobrecarregariam insuportavelmente as responsabilidades do Erário.

Fê-lo, aliás, sem jactâncias despropositadas, convicto de que excessos não seriam admissíveis se comprometessem o Tesouro naquela época de dificuldades evidentes e perdurantes na área financeira.

Na residência oficial — e a este acontecimento, posso dizer, estive presente, juntamente com o jurista Miguel Reale Júnior —, ao discutir com o vernaculista Celso Cunha o primor ortográfico do novo documento, enfatizou o nosso desejo de que a pureza do lineamento estilístico estivesse presente em todos os dispositivos aprovados, os quais, dentro de um lustro, experimentariam imperativo procedimento



---

revisional capaz de corrigir inevitáveis imperfeições legislativas ou qualquer tipo de omissão, diante do contorno de nova conjuntura, na decorrência de breve lapso de tempo de vigência, o que ajustaria a nossa Lei Básica aos ditames impostos por uma nova fase a ser vivenciada pela Nação.

Sr. Presidente, José Sarney, Sras. e Srs. Congressistas, demais convidados, meu amigo Oswaldo Manicardi, amigo incomparável e inseparável de Ulysses Guimarães em todos os momentos, em outubro de 1992, quando, meses depois, a revisão se processaria, Ulysses, Dona Mora — a grande inspiradora de sua vida e partícipe de suas glórias —, Severo Gomes e D. Henriqueta marcaram comovedoramente a população brasileira, ensejando a que continuemos a prantear, como ora o fazemos, um acontecimento lutuoso, registrado nas proximidades de Angra dos Reis, no litoral fluminense.

Se nesse vicênio não deixamos de proclamar o Senhor Diretas como paradigma de convicções políticas inquebrantáveis, esta sessão solene é a comprovação iniludível de que ele — o notável Ulysses — permanece presente entre nós como fonte perene de incentivo, no enfrentamento de embargos remanescentes da crise anterior.

Tudo isso justificaria a inserção de seu nome no frontispício do augusto Plenário da Câmara dos Deputados, cuja tribuna ele sempre considerou, como esta também, autêntico altar-mor da democracia.

E os nossos discursos, Srs. Deputados, Srs. Senadores, ilustres convidados, no Senado e na Câmara dos Deputados, são prédicas de conotação evangelizadora, quando defendemos princípios éticos norteadores da conduta dos que aqui tomam



assento como representantes populares ungidos pela outorga legítima, egressa das urnas livres.

O vulto insuperável de Ulysses Guimarães continuou a ser o fanal que direcionará as nossas atitudes, pois assim estaremos reverenciando a sua memória e a tornando imorredoura para todos os concidadãos.

A Câmara dos Deputados, por seus 513 integrantes, e o Senado Federal, por seus 81 membros, o Congresso, enfim, a começar pelo Presidente José Sarney, realçam, neste evento soleníssimo, o líder incontestado, o Parlamentar brilhante, o orador primoroso, o conciliador de blocos contrários, enfim um varão de Plutarco, com retilínea conduta, predisposto a servir, sem tergiversações, ao Brasil e aos seus milhões de habitantes.

Ulysses Guimarães, senhoras e senhores, não é apenas um símbolo que dignifica o povo brasileiro. É, muito mais do que isso, um precioso patrimônio de coragem, de honradez e de permanente amor à Pátria.

Na oração brotada de seu fervor democrático naquele 5 de outubro, quando estávamos, V.Exa., Sr. Presidente José Sarney, como Chefe do Poder Executivo, e este modesto orador como 1º Vice-Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, ouvimos, nítida e enfaticamente — attem bem os presentes para essa relembração — algo que nunca poderá deixar de ser referenciado. Disse ele lapidariamente:

*“Político, sou caçador de nuvens. Já fui caçado por tempestades. Uma delas, benfazeja, me colocou no topo desta montanha de sonho e de glória. Tive mais do que pedi, cheguei mais longe do que mereço”.*



Esta citação retórica, Sras. e Srs. Parlamentares e dignos convidados, ajustar-se-ia implacavelmente ao instante dramático que ele deve ter enfrentado, pois foi esse infortúnio, em mares procelosos, que o levou para o Reino da Bem-Aventurança.

Sras. e Srs. Congressistas, aqui continuamos, depois de duas décadas de seu desaparecimento, a prantear a ausência de Ulysses convictamente, a nossa geração e aquelas que advirão sequiosas para identificar os maiores líderes da nacionalidade, aqueles com acervo inestimável de labores em prol das causas democráticas.

Ninguém, ninguém mesmo, senhoras e senhores, o suplantará na grandeza de seu idealismo, um idealismo que nos fortalece para seguir suas pegadas no desempenho de nosso embate como representantes do povo.

Ulysses, a exemplo do homônimo helênico, continua vivo, circulando nos corredores do Congresso Nacional, na reprise daquela sua enfática conclamação para o cumprimento do dever — e quantas vezes nós ouvimos dele esta conclamação: *“Vamos votar; vamos votar; vamos votar”*.

É nesse estribilho ritmado que, diante de evento grandiloquente, enaltecemos um dos maiores patriotas que engrandeceram as nossas mais sublimes tradições de civismo e brasilidade.

É nesse estribilho ritmado que, diante de evento grandioso, enaltecemos um dos maiores patriotas que engrandeceram as nossas mais caras tradições de civismo e brasilidade.

Muito obrigado, Sr. Presidente. Muito obrigado, senhores. *(Palmas.)*



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - É com um certo constrangimento, mas é uma obrigação minha de Presidente pedir a todos os nossos oradores que sejam breves a partir de agora, uma vez que ainda temos seis oradores e todos desejam prestar uma homenagem a Ulysses Guimarães.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Senador Valdir Raupp.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB-RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Senador José Sarney, serei breve.

Em nome do Presidente José Sarney, do Vice-Presidente da República, Presidente do PMDB licenciado, e da filha do homenageado, Sra. Celina Campelo, quero cumprimentar todos os componentes da Mesa, as Sras. Senadoras, os Srs. Senadores, as Sras. Deputadas, os Srs. Deputados, as senhoras e os senhores presentes.

Decorridos 20 de anos de ausência do saudoso Ulysses Guimarães, esta homenagem que lhe é prestada pelo Congresso Nacional é uma eloquente demonstração do quanto o Senhor Diretas lhe flui no cenário parlamentar e na própria vida da Nação brasileira.

Por isso, antes mesmo de fazer a minha saudação, registro a minha saudade e admiração por esse notável homem público e, em seguida, parablenizo o ilustre Senador Sérgio Souza e demais signatários que propuseram a realização deste tributo.

Muito foi dito e muito se há de dizer acerca do nosso homenageado, que por mais de meio século participou ativamente do processo político e da vida nacional em seus instantes mais decisivos.

Não querendo me tornar repetitivo e, na condição de correligionário, vou me restringir ao papel que representou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro — PMDB, e, no seu embrião, o Movimento Democrático Brasileiro — MDB.





Muito resumidamente, podemos destacar que Ulysses Guimarães elegeu-se Deputado Constituinte pelo Estado de São Paulo, pelo antigo PSD, em 1947, no qual ingressara em 1945, em pleno processo de redemocratização do País. A partir de 1951 seria eleito Deputado Federal, nada menos do que 11 vezes, ininterruptamente, pelo MDB e PMDB. Só Henrique Eduardo Alves alcançou até o momento a marca de 11 mandatos.

Nessa longa trajetória, licenciou-se da Câmara dos Deputados para assumir o Ministério da Indústria e Comércio, no Governo parlamentarista, no gabinete do Primeiro-Ministro Tancredo Neves.

Por três vezes foi escolhido Presidente da Câmara dos Deputados. Nessa condição, nos primórdios da nova República, assumiu interinamente a Presidência da República, no Governo de José Sarney, em 19 ocasiões. Presidiu a Assembleia Nacional Constituinte em 1987 e 1988. Exerceu papel relevante na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, durante o regime militar e no processo de redemocratização do País.

Sr. Presidente, caros colegas Parlamentares, essa sumaríssima recapitulação seria suficiente para justificar a presença de Ulysses Guimarães em lugar de destaque no panteão dos grandes homens públicos brasileiros.

É difícil falar da história de um brasileiro como Ulysses Guimarães, depois de tantos oradores se manifestarem, sem ser repetitivo. Estou suprimindo parte do meu pronunciamento.

Ulysses Guimarães participou da campanha de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, contribuiu, na Presidência da Câmara dos Deputados, para a aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social e da Lei de Greve. Foi



---

Relator do substitutivo que criou o Banco Central do Brasil e participou da elaboração do novo Código Eleitoral, que prevalece até hoje. E o Congresso está tardando a apreciar a reforma política. Espero que não passe de 2014, Senador Luiz Henrique. V.Exa. relatou aqui que deveríamos ou deveremos aprovar, em breve, uma reforma política, em nosso País.

Em 1971, elegeu-se Presidente do MDB, em um período de grandes dificuldades políticas para o País, onde permaneceu por 19 anos à frente do nosso partido.

Em janeiro de 1980, presidiu a Comissão Provisória de estruturação do PMDB, cujo programa tinha como diretriz: a luta pela manutenção do calendário eleitoral; realização de eleições diretas em todos os âmbitos; anistia ampla, geral e irrestrita aos opositores do regime militar; restauração das prerrogativas do Poder Legislativo e convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

O então MDB, cuja Presidência assumira alguns anos antes, tornou-se o vigoroso PMDB de 1982, com expressivas vitórias nas urnas, capaz de mobilizar multidões na campanha pelo restabelecimento das eleições diretas.

Ulysses Guimarães, tal eram o seu entusiasmo e seu empenho, tornou-se nacionalmente conhecido como o Senhor Diretas. Já na Nova República, Sr. Presidente, caros Congressistas, senhoras e senhores, o PMDB elegeria seus governadores em 22 dos 23 Estados brasileiros, nas eleições de 1986, quando Ulysses Guimarães seria o segundo candidato mais votado à Câmara dos Deputados, com 590 mil votos. No ano seguinte, seria eleito Presidente da Câmara dos Deputados e Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, cargos que acumularia com a Presidência do PMDB.



No dia 12 de outubro de 1992, dez dias após a posse do seu amigo Itamar Franco na Presidência da República, desapareceria nas águas do oceano. Embora a sua ausência nos tenha causado uma grande dor, é gratificante hoje poder lembrar sua grandeza, sua coragem e sua obra em prol da democracia e do desenvolvimento nacional.

É sempre gratificante, Sr. Presidente, senhoras e senhores, exaltar a figura desse grande homem público que foi um exemplo para todos nós e cuja vida foi um modelo que serve de inspiração para a atual e as futuras gerações.

A importância de uma pessoa se mede especialmente pela falta que ela nos faz quando parte, principalmente quando ela parte e nos deixa a certeza da inexistência da volta. E como sentimos falta do timoneiro Ulysses nos nossos momentos de turbulência e de incertezas! É que Ulysses Guimarães fazia da política a construção de bússolas. Era ele que nos mostrava a direção quando a travessia se impunha difícil. Lembro-me do seu dedo em riste como que uma agulha imantada a nortear os melhores caminhos.

Foi assim na Assembleia Nacional Constituinte. Quantos foram os interesses envolvidos, quantos debates, quantas propostas que se contraditavam por diferentes interesses, ideologias, credos e posições políticas!

Era ele quem, sem perder o controle do leme, pacificava os antagonismos próprios e salutares da política brasileira.

Quem sabe possamos dizer que Ulysses é o outro nome da nossa Constituição Cidadã.



Mas o nosso Ulysses Guimarães foi além do seu próprio destino. Ao desaparecer no mar e não se permitir ser encontrado, deixou em nós uma sensação de que um dia ele ainda poderá voltar.

E esse vazio, nos corredores do Congresso Nacional e na política, que ele nos deixou, ainda será preenchido. É evidente que não mais fisicamente, mas nos seus exemplos, na sua maneira ética de fazer política. Daí não só a sensação, mas a certeza de que ele não partiu porque permaneceram vivos os seus ideais.

É preciso que cada um de nós que seguimos o caminho que ele indicou, cuidemos de preservar as bússolas que dele herdamos. Assim, esses caminhos nos levarão sempre ao melhor horizonte político.

Nos últimos anos, o PMDB tem se inspirado nos ensinamentos do Dr. Ulysses, na apresentação de propostas para a melhoria de vida dos brasileiros.

Com Michel Temer, o PMDB contribuiu com os avanços sociais e econômicos que o País vivencia hoje, conduzindo o partido com zelo e dedicação durante os últimos 11 anos.

Dr. Michel Temer, Vice-Presidente da República e Presidente licenciado da legenda, tem trabalhado pelo crescimento do Brasil ao lado da Presidente Dilma Rousseff.

Tenho certeza que se Ulysses estivesse vivo estaria também ao lado de Michel Temer, ao lado de Dilma Rousseff e ao lado do povo brasileiro.

Tanto é que, na próxima quarta-feira, o Presidente Michel Temer estará no Estado do Amazonas conduzindo um programa de segurança de fronteira externando, portanto, o papel do PMDB junto ao Governo Federal.



Como Presidente Nacional do PMDB em exercício, defendi o lançamento de candidaturas próprias em todos os Municípios. Daí a grande vitória que o partido obteve nas urnas, elegendo o maior número de prefeitos: mais de 1.020 prefeitos, 900 vice-prefeitos e 7.964 vereadores.

Tudo isso foi possível, Sr. Presidente, senhoras e senhores, dado o trabalho de estruturação do nosso partido nos quatro cantos deste País, por Dr. Ulysses Guimarães. (*Palmas.*)

Tenho defendido também o lançamento da candidatura própria à Presidência da República, se não em 2014, (*palmas.*) mas em 2018, para que o partido continue a contribuir com o desenvolvimento do País. Na impossibilidade de uma candidatura própria em 2014, defendo a reeleição da aliança Dilma/Michel, a exemplo do que ocorreu com os outros Presidentes da República, que mantiveram os seus Vice-Presidentes na reeleição, o que deu muito certo, o Brasil está caminhando a passos largos, tirando da pobreza mais de 40 milhões de brasileiros.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Com a palavra o Senador Anibal Diniz, 1º Vice-Presidente do Senado Federal, que vai falar em nome da Liderança do Partido dos Trabalhadores.

Aproveito a presença do Líder na tribuna para agradecer a honra que tivemos de aqui estar presente o Presidente do partido, Rui Falcão, não só em nome do PMDB, que me foi delegado pelo Presidente Valdir Raupp para transmitir, como também em nome do Senado Federal.

**O SR. ANIBAL DINIZ** (PT-AC. Pela Liderança. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Exmo. Sr. Presidente, Senador José Sarney; Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Michel Temer; Exma. Sra. Vice-Presidenta do Congresso Nacional, Deputada Rose de Freitas, demais autoridades que compõem esta Mesa da sessão solene em homenagem ao saudoso Ulysses Guimarães, tenho a honra de representar a bancada do Partido dos Trabalhadores nesta sessão solene, e o faço também em nome do nosso Presidente nacional, Deputado Rui Falcão, que esteve conosco até há bem pouco tempo.

Há 20 anos, no dia 12 de outubro de 1992, o País perdia Ulysses Guimarães. Num acidente de helicóptero, morreu o Senhor Diretas, quando o aparelho, que levava também sua esposa e o casal Severo Gomes, caiu no mar. É uma data que deve ser lembrada não só para nos lembrarmos do homem Ulysses Guimarães, mas principalmente para não nos esquecermos de um período da história deste País que muito ainda tem a ser aclarado e trazido à luz da democracia. Nesse período, Ulysses Guimarães teve um papel de inequívoco destaque. Se sua atuação política, desde os episódios que resultaram na queda de João Goulart até a restauração da democracia após a ditadura, iniciada em 1964, teve momentos de dúvida, a escolha



pelo caminho certo sempre se deu rapidamente, tão logo percebido o eventual equívoco de avaliação inicial.

Ulysses Guimarães tinha a percepção exata do papel do estadista. Parafraçando Churchill, gostava de afirmar que a coragem é a virtude do estadista, porque *“Sem ela, a coragem, todas as outras virtudes desaparecem na hora do perigo”*.

Político paulista de origem, que ficou marcada, inclusive, no seu sotaque acentuado, Ulysses tinha visão de país e sentimento de nação. Via o Brasil como um todo e sempre manifestava sua convicção de que *“Enquanto houver Norte e Nordeste fraco, não haverá estado forte, pois o País será fraco.”* Superatual a sua afirmação.

Com 11 mandatos consecutivos como Deputado Federal, Presidente do MDB, depois PMDB, após ter comandado a Assembleia Nacional Constituinte e participado decisivamente na campanha pela anistia, Ulysses Guimarães era um político de vasta experiência e que fazia política com prudência, mas os episódios da história nos quais atuou mostram que fazia política também com destemor.

Foi assim quando, em 1973, no auge do período ditatorial, lançou sua anticandidatura à Presidência de República — tão bem retratada aqui em alguns momentos pelo Deputado Henrique Alves —, quando os presidentes eram escolhidos nos quartéis e apenas sacramentados por um colégio eleitoral submisso. Foi assim quando, aprovadas as eleições diretas para os governos estaduais, em 1982, comandou o PMDB à vitória em nove Estados brasileiros.



Político com um senso de humor refinado, Ulysses era um fazedor de frases, que ficaram famosas pela sua assertividade e também por abordarem assuntos graves de maneira bem humorada.

Com o crescimento do MDB nas eleições que começaram a afrouxar o regime ditatorial, disse, em um desses momentos de inspiração, que o MDB era como pão de ló: *“Quanto mais bate, mais cresce.”*

Aos que, a partir de determinado tempo, passaram a chamá-lo de velho, em uma tentativa de depreciar a sua figura, Ulysses não vacilou e disparou: *“Sou velho, mas não sou velhaco.”* — repetindo o que já foi dito aqui pelo Presidente José Sarney —, acertando em cheio muitos dos que tentavam atingi-lo.

Ulysses foi um democrata que sabia que *“A grande força da democracia é confessar-se falível de imperfeição e impureza, o que não acontece com os sistemas totalitários que se autopromovem em perfeitos e oniscientes para que sejam irresponsáveis e onipotentes”*.

Ao lutar por um Estado democrático no Brasil, Ulysses bateu-se pelos temas essenciais, como anistia, Constituinte, volta das eleições diretas, fim da censura e pela liberdade de expressão. Era tamanha sua compreensão da importância desta última, que afirmou ser a liberdade de expressão *“apanágio da condição humana que socorre as demais liberdades ameaçadas, feridas ou banidas”*. E, citando Rui Barbosa, sustentava com frequência que a liberdade de expressão *“é a rainha de todas as liberdades”*.

Um democrata, portanto. Um democrata capaz de afirmar, sem nenhuma hesitação e com toda a ênfase possível, ao promulgar a Constituição de 1988, que tinha ódio e nojo da ditadura.





Todas as lutas de Ulysses Guimarães, que não foram só dele, mas das quais sempre foi uma das maiores expressões, seguiram no rumo da busca da democracia e do Estado de direito.

Para um velho lutador da causa democrática, teve, ao final, um destino imerecido: os 4,43% dos votos nas eleições de 1989. Depois, foi abandonado por alguns dissidentes do MDB que fundaram o PSDB.

Mas Ulysses continuou na luta. Afinal, numa das suas maiores declarações sobre política, ele disse o que já foi mencionado aqui pela Senadora Ana Amélia, mas que faço questão de repetir: *“Política não se faz com ódio, pois não é função hepática. É filha da consciência, irmã do caráter, hóspede do coração”*.

Ulysses Guimarães era um animal político, que fez e respirou política durante toda a sua vida. Mas a vida, os arranjos e interesses políticos e, por fim, aquele acidente do dia 12 de outubro não permitiram que ele realizasse o sonho de ser Presidente do Brasil. Não foi preciso. Sua contribuição no Parlamento nos deixou um legado mais que suficiente.

Valeu, Senhor Diretas! Valeu, Dr. Ulysses!

Muito obrigado. (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Com a palavra o Deputado Darcísio Perondi.

**O SR. DARCÍSIO PERONDI** (PMDB-RS. Sem revisão do orador.) - Caro Presidente, Senador Sarney; meu caríssimo Vice-Presidente da República, Michel Temer; meu querido Líder da bancada Henrique Eduardo; Renan, Líder no Senado; Presidente Raupp, do meu partido; querida e Constituinte Rose, que representa a Câmara aqui.

Eu tenho orgulho do meu avô José Perondi e do meu avô Antônio Jardim. Mas eu quero dizer para vocês, netos, familiares: tenho orgulho e tenho inveja de vocês. Ulysses, um grande homem!

Eu quis vir aqui — e serei breve — primeiro dizer que graças a Ulysses, que era um homem de futuro, nós tivemos uma Constituição da qual temos de nos orgulhar. Primeiro, foi a reforma após a dura ditadura militar, que eu, como estudante, sofri. Também fui preso. Segundo, graças à Constituição comandada por Ulysses, nós temos hoje um arcabouço legal, que é a Seguridade Social: Previdência, assistência social e saúde. Graças a esse arcabouço é que nós devemos nos orgulhar do fato de termos, sim, uma rede social invejável de proteção ao cidadão. Ele lutou para nós enterrarmos uma duríssima ditadura militar, mas olhava para o futuro, junto com constituintes, muitos dos quais estão aqui.

Mas eu quero aqui citar — e encerro — algumas passagens do livro *Moisés, Codinome Ulysses Guimarães*, de Luiz Gutemberg, dizendo que Ulysses e o Mauro Benevides, extraordinário Parlamentar — eu me orgulho de ser um humilde colega dele, ele foi breve —, Ulysses Guimarães foi um parlamentarista. Ele morreu pensando no parlamentarismo. Em 1992, depois de 3 anos de aproximações com o



parlamentarismo, começava ele a se acostumar com o novo perfil do poder num conselho de Ministros. Já considerava anacrônico o papel do Presidente imperial, do modelo brasileiro da Constituição de 1946.

Nós esquecemos, não falamos mais de parlamentarismo. Olhem as crises. Sim, ditadura, democracia sólida com o presidencialismo. Eu não sou presidencialista, sou Ulysses, sou parlamentarista.

Na sexta-feira, 18 de novembro, 3 dias depois das eleições presidenciais de 15 de novembro de 1989, quando ele foi um herói — e foi traído também, mas foi um herói —, quando todos o imaginavam recolhido e deprimido, lançou o seu manifesto parlamentarista. O parlamentarismo era ele. Ele dizia: *“Depois do Senhor Diretas, Senhor Constituinte, já me pegariam o apelido de Senhor Parlamentarismo. Estava ficando igual àquelas cantoras do rádio de antigamente, que vivem de receber faixa de rainhas disso e favoritas daquilo no auditório da Record.”*

Continuava ele na luta parlamentarista.

*“Junto com Jânio Quadros, Presidente à época, desastrado Presidente, se apelamos casuisticamente para o parlamentarismo” — diz Ulysses — “e usamos pretextos cavilosos para implantá-los no corre-corre de uma emergência, arriscamo-nos a que depois, superada a crise, pretenda-se a volta ao presidencialismo, como aconteceu em 1963. Como estamos carecas de saber que o presidencialismo já se esgotou no Brasil” — diz Ulysses —, “quem garante que não se apelarà à monarquia? Aí*



*corremos o risco de coroar o rei o Cunha Bueno, nosso profeta...”* Jânio Quadros deu gargalhadas.

Ele perdeu no plebiscito. Esse placar significava a frustração de sua derradeira esperança, porque ele era um homem, um cavaleiro da esperança. Se estivesse vivo, seria sua condenação final ao papel de Moisés. E o mesmo povo dos aplausos ao Senhor Parlamentarismo imprecava, agora, contra os políticos e votava no presidencialismo.

Essa luta Ulysses perdeu. Quem sabe nós, Parlamentares, levantamos de novo, meu caro Vice-Presidente da República, meu caro Senador José Sarney, meu caro Líder, que deverá ser o Presidente da Câmara? Vamos levantar de novo. Acho que o parlamentarismo é o caminho de um presidencialismo fortemente presidencial, que subjuga o Parlamento. E nós sofremos. O Brasil sofre. Vamos levantar! A proposta de parlamentarismo está aprovada na Comissão Especial.

Viva Ulysses! Viva o parlamentarismo! (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Sr. Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Prezado Presidente José Sarney, V.Exa. hoje nos brindou com uma manifestação tão bonita a respeito do seu amigo, nosso querido Presidente da Constituinte, Sr. Ulysses Guimarães. Mas todos aqueles que se pronunciaram — o Vice-Presidente Michel Temer; a Vice-Presidenta Rose de Freitas; o Senador Valdir Raupp; o Líder do PMDB, Deputado Henrique Eduardo Alves; o meu colega Senador, hoje Deputado Mauro Benevides; o Senador Luiz Henrique; a Senadora Ana Amélia; o Senador Márcio Souza — nos brindaram com fatos tão relevantes e bonitos da história desse grande homem.

Presidente José Sarney, quero manifestar que, quando se iniciou esta sessão de homenagem, percebi que estava faltando um dos maiores amigos, entre os Senadores, de Ulysses Guimarães. Liguei então no início da sessão para o Senador Pedro Simon e perguntei por que ele não estava aqui. Ele me informou que está hoje acamado, recuperando-se de uma doença, mas que irá transmitir essa justificativa por não estar aqui e logo que voltar fará um pronunciamento em homenagem ao seu amigo. Quero dizer, Sra. Celina Campelo, que se há um dos Senadores que tantas vezes aqui recordou episódios relativos ao querido Ulysses Guimarães, esse Senador foi Pedro Simon. Então, quero justificar a ausência dele por razões médicas. O médico pediu a ele que não viesse. Ele está acamado.

Em 1976/1977, alguns amigos me disseram: *“Seria bom que você, que tem seus artigos muito lidos e publicados na Folha, viesse a defender suas ideias no Parlamento”*. Resolvi então procurar pessoas que tinham vida parlamentar, como



André Franco Montoro, Ulysses Guimarães, Alberto Goldman, diversos outros, e fui conversar com Ulysses Guimarães. Ele me disse: *“Eduardo, você é economista, trata das questões macroeconômicas, você deveria começar pela Câmara dos Deputados”*. Mas eu tinha filhos pequenos e avaliei que seria importante começar ali na Assembleia Legislativa. E assim comecei. Naquele período, no primeiro ano, em 1979, quando estávamos lutando pela aprovação da Emenda Mauro Benevides, que restabeleceria a eleição direta para Prefeitos das Capitais, aquilo não aconteceu no tempo hábil, e nós tivemos tantas dificuldades ali na Assembleia. Nossa principal meta era fazer com que o Prefeito fosse eleito diretamente em São Paulo.

Daí surgiram diversas situações. Fiquei preocupado com o comportamento de alguns membros do nosso partido, o MDB, e fui um dia almoçar com o Presidente Ulysses Guimarães, com Fernando Henrique Cardoso e com um amigo tão próximo de Ulysses, João Pacheco Chaves. Eu me lembro de ter falado sobre as coisas que tinham me impressionado. Não vou aqui detalhar. A certa hora, na reunião do MDB, acharam melhor que eu não falasse. Quando descrevi para Ulysses Guimarães, ele falou: *“Naquela hora, Eduardo, você tinha que dar um tapa na mesa, subir na mesa e falar tudo que você sentia”*. Nunca esqueci essa lição. Em algumas ocasiões já tive que agir assim. Mais no Senado. São coisas que aprendi com Ulysses Guimarães.

Certa ocasião, estávamos na sala do Presidente Mauro Benevides. Ele reuniu os Líderes, e eu era o único Senador e Líder do Partido dos Trabalhadores. Era o final de 1991 e alguns Senadores disseram: *“Precisamos aprovar isso, precisamos aprovar aquilo e tal”*. Foram citadas diversas situações, e eis que então eu gostaria muito que fosse colocada para ser votada a primeira versão do Programa de Garantia de Renda Mínima, através de um imposto de renda negativa. Talvez o



Senador Mauro Benevides se lembre, mas a certa altura eu disse: *“E quando é que vão apreciar e votar aqui um projeto para erradicar a pobreza absoluta?”* Daí, com aquela observação que me lembrou da lição de Ulysses Guimarães, cada um dos Senadores falou: *“Não, ele tem razão. Vamos colocar na pauta dia 16 de dezembro de 1991”*. E o Senado, depois de 4 horas e 30 minutos de debate, aprovou, com a anuência de todos os partidos e Líderes, aquele primeiro projeto de garantia de renda mínima.

Foi uma das lições que eu aprendi. Poderia citar outras aqui, porque inúmeras vezes eu tive diálogos pessoais com Ulysses Guimarães, mas, passados 20 anos de seu falecimento, quando perdemos também Severo Gomes, D. Marieta e D. Mora, de quem eu era muito amigo, eu avalio que é tão importante recordarmos essas lições.

Eu tinha aqui preparado, mas quase tudo já foi dito. Mas, certamente, Ulysses Guimarães foi um dos maiores políticos de nosso Brasil, por sua conduta ética, por ter sido um ardoroso defensor do Estado de Direito. Especialmente depois da ascensão da ditadura militar, sua personalidade política cresceu de importância. Como aqui foi ressaltado, ele era a força do Parlamento, encarnou como poucos a valorização do Poder Legislativo no jogo político de independência dos poderes, marcou sua trajetória como um incondicional defensor da justiça. Ele foi também professor por muitos anos na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, onde veio a se tornar Professor Titular de Direito Internacional Público, lecionou Direito Municipal na Faculdade de Direito de Itu e Direito Constitucional na Faculdade de Direito de Bauru.



Sobretudo por ter sido um representante tão especial da cidade de Rio Claro, do interior, mas também do meu Estado de São Paulo, quero aqui transmitir minha homenagem a esse extraordinário homem. E, neste dia em que homenageamos todos os professores, eu próprio, como professor, quero enaltecer a figura do professor, do extraordinário mestre Ulysses Guimarães.

Sr. Presidente, para abreviar minhas palavras, peço que seja considerado como lido, na íntegra, o meu pronunciamento, em homenagem a todos que por diversas horas estão aqui ouvindo palavras tão bonitas dirigidas àquele que se constituiu em um extraordinário exemplo e que sempre permanecerá como exemplo para todos nós brasileiros que queremos democracia, a construção de uma nação justa, onde a solidariedade seja a característica da nossa percepção diária na convivência de todos nós, brasileiros.

Muito obrigado.

Meus cumprimentos a todos. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Muito obrigado.

V.Exa. será atendido. Seu discurso será transcrito nos Anais.





---

**SEGUE, NA ÍNTEGRA, DISCURSO DO SR. SENADOR EDUARDO SUPLICY**

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (PT-SP. Sem apanhamento taquigráfico.) - Sr. Presidente, passados 20 anos do falecimento de Ulysses Guimarães, na noite fria e chuvosa de 12 outubro de 1992, numa viagem aérea com sua mulher, D. Mora, e o ex-Senador Severo Gomes e sua esposa, D. Marieta, permanece na memória, de forma indelével, sua exemplar liderança política.

Nascido em 1916, no interior paulista, teve uma vida acadêmica ativa, participando do Centro Acadêmico XI de Agosto da USP e exercendo a Vice-Presidência da União Nacional de Estudantes (UNE). Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Foi professor durante vários anos na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, onde veio a se tornar Professor Titular de Direito Internacional Público. Lecionou ainda Direito Municipal na Faculdade de Direito de Itu e Direito Constitucional na Faculdade de Direito de Bauru.

Foi Deputado Estadual de 1947 até 1950, sendo depois eleito para a Câmara dos Deputados. É considerado um dos maiores políticos que o Brasil já teve, pela sua conduta ética e por ter sido um ardoroso defensor do Estado de Direito. Depois da ascensão da ditadura militar, sua personalidade política cresceu em importância. Ulysses era a força do Parlamento! Encarnou como poucos a valorização do Poder Legislativo no jogo político de interdependência dos Poderes. Marcou sua trajetória como um incondicional defensor da justiça.

Como Deputado Federal, por onze mandatos consecutivos, de 1951 a 1992 (não cumpriu o último mandato, que era até 1995), teve uma passagem pela administração pública, como Ministro da Indústria e do Comércio do gabinete de



---

Tancredo Neves, nos anos de 1961 e 1962, durante a experiência parlamentarista brasileira.

Em 1970, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em franca oposição ao governo implantado, tendo, inclusive, concorrido à Presidência da República, como uma forma de protesto à ditadura militar.

À frente do MDB, participou de todas as campanhas pelo retorno do País à democracia, inclusive a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, culminando com o movimento das Diretas Já, que foi fator decisivo para a reabertura democrática de nosso País. Pela sua luta, ficou conhecido como o Sr. Diretas.

Como Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, trabalhou incansavelmente para obter o equilíbrio mínimo entre as diversas forças políticas para a promulgação da Constituição da República de 1988, cognominada por ele de “Constituição Cidadã”.

Seu falecimento num acidente aéreo em Angra dos Reis deixou uma forte lacuna na política brasileira. Sua falta ainda é sentida nos dias de hoje aqui no Parlamento. Sua liderança na busca do respeito e da valorização da coisa pública e aos bens mais caros aos direitos humanos permanece como exemplo para os políticos de hoje e para a juventude brasileira, que sempre teve nele um ícone de parlamentar honesto e agregador.

Ao lembrar os 20 anos do falecimento do Professor de Direito e Cidadania Ulysses Guimarães, neste dia em que comemoramos a data máxima dos professores, enaltecemos, na figura do mestre Ulysses, o valor de todos os professores brasileiros.

Era o que tinha a dizer.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Como último orador, vamos ouvir o Senador Casildo Maldaner.

**O SR. CASILDO MALDANER** (PMDB-SC. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente José Sarney e Srs. Parlamentares, imitando o Senador Eduardo Suplicy — naturalmente pelo horário, mas não só por isso —, como o meu irmão, o meu conselheiro, o meu chefe catarinense, que foi Presidente Nacional do PMDB, já fez uma locução, algumas ponderações sobre alguns episódios de Santa Catarina, darei como lidas algumas laudas que aqui tenho, para que constem dos Anais da Casa, em função desta sessão solene em homenagem ao nosso Ulysses Guimarães.

Sr. Presidente, convivi com Ulysses Guimarães, nos anos 80, e tive a honra de participar também da Executiva Nacional do nosso PMDB, quando ele era Presidente. O nosso chefe, Luiz Henrique, citou duas passagens catarinenses. Eu, quando Vice-Governador, com o falecimento de Pedro Ivo, como Governador — e eu nunca esqueço essa passagem, e Luiz Henrique lá esteve —, inauguramos uma obra, que é a ponte que liga o continente à Ilha de Florianópolis. Em homenagem a Pedro Ivo, que morreu no combate, demos à ponte o nome de Pedro Ivo. E Ulysses Guimarães compareceu naquela noite à inauguração, bem como milhares de outras pessoas. Luiz Henrique lembra muito bem.

Ulysses chegou a dizer: *“Se eu não viesse de avião, tinha que vir ou de ônibus, ou a cavalo, ou a pé; nem que fosse a nado, eu viria nesta noite participar da inauguração dessa obra ligando o continente à Ilha”*. Isso foi algo extraordinária.

Então, se puderem ficar nos Anais estas poucas laudas, dou-me por satisfeito, sem dúvida alguma, por participar desta recordação do nosso pastor, do



nosso Moisés, do nosso Buda, do nosso homem que pegava o seu cajado e saía pelo Brasil afora, com todo mundo indo atrás.

Muito obrigado, Sr. Presidente, e a todos que os senhores que estão aqui.

*(Palmas.)*



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-PA) - O Senador Romero Jucá também remeteu à Mesa discurso, que será publicado na íntegra nos Anais da Casa.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-PA) - Antes de conceder a palavra ao Sr. Tito Henrique Silva, que falará em nome da família, quero agradecer a todos a honrosa presença nesta sessão tão importante para o Congresso Nacional e dizer o quanto nos causa satisfação e nos honra o gesto generoso da família do Dr. Ulysses de aqui estar presente.

Ressalto a figura da D. Celina e não posso me esquecer de mencionar a alegria que me deu a presença de Sônia, com as saudades comuns do Almirante Amaral, que foi meu Ministro de Estado.

Portanto, é uma honra muito grande para o Congresso Nacional e para todos nós a presença da família de Ulysses Guimarães, com o brilho que deu a esta solenidade. E acredito que ele e D. Mora estejam felizes com isso.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Concedo a palavra ao Sr. Tito Henrique Silva.

**O SR. TITO HENRIQUE SILVA** - Exmo. Deputado Michel Temer, Vice-Presidente da República; Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional; Deputada Rose de Freitas, representante oficial da Presidência da Câmara; demais executivos da Mesa, Senadores, Deputados, convidados e familiares; eu, como neto caçula do Dr. Ulysses e da D. Mora, tinha 13 anos quando os dois faleceram no acidente em Parati. Minha lembrança do convívio com eles, portanto, é a de infância e de início da adolescência.

D. Mora dizia que o bom político costuma ser mau parente. Confesso que tenho que discordar. Apesar de a maior parte do tempo estarem em Brasília, seu carinho de avós, sua bondade e a alegria de sua presença sempre compensavam essa ausência, sem contar a sensação boa de ouvir a mesma trilha sonora em diferentes locais públicos, aquela chuva de aplauso.

Depois de todo o ocorrido, li e ouvi sobre a importância deles na vida pública do País, sua integridade, a firmeza de seu caráter e postura.

Sempre que me identificam como seu neto, escuto uma palavra carinhosa, quando não emocionada: *“Que falta faz o Dr. Ulysses!”* Essa é a frase mais frequente nesses últimos 20 anos.

Hoje vejo meus avós sempre presentes em vários lugares. Primeiro na minha casa, onde todos conhecem minha filha como Morinha. Depois na série *A História de Mora*, publicada pelo jornal *O Globo*, todos os domingos, durante 1 ano, produzida pelo jornalista Jorge Moreno, amigo de meu avô. Vejo também na saudade de nossa família, parte dela aqui presente, sempre emocionada com a lembrança deles. Vejo



ainda no exemplo aos homens públicos, manifestado, hoje, por vários políticos, na Sessão Solene do Congresso Nacional, em homenagem aos 20 anos de sua morte.

Sim, bem lembrado, Deputada Rose de Freitas, Senador Luiz Henrique e Deputado Mauro Benevides, é indiscutível, Dr. Ulysses está vivo, tanto na democracia, na Constituição, nas suas obras políticas, como na memória dos amigos e dos brasileiros.

Por isso, em nome de nossa família, nossos sinceros agradecimentos.

Obrigado. (*Palmas.*)





**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Os Senadores Renan Calheiros, Romero Jucá e Casildo Maldaner encaminharam discursos para serem publicados na forma do art. 203 do Regimento Interno do Senador, primeiro subsidiário do Regimento Comum.

Serão S.Exas. atendidos.



**O SR. RENAN CALHEIROS** (PMDB-AL. Sem apanhamento taquigráfico.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, é com grande satisfação que compareço a mais este grande evento para celebrar um dos maiores líderes do PMDB de todos os tempos, o nosso querido Ulysses Guimarães, o Doutor Ulysses, como a reverência e estima recomendam. A importância de Ulysses para o Brasil é tanta que, em determinado momento, como bem assinalou o escritor Antônio Cândido, ele resumia toda a consciência nacional como se ele fosse a própria voz da Nação.

Este ano o PMDB completou 46 anos de lutas e conquistas. Bandeiras políticas, institucionais, econômicas e sociais todas originadas no MDB, que foi rebatizado de PMDB pela força da tentativa de golpe eleitoral de 1980.

A grande maioria destas bandeiras foram concebidas e conduzidas pelas mãos serenas, porém firmes, deste idealista, este perseguidor de sonhos, nosso Doutor Ulysses, que inventou uma forma única de enfrentamento contra o regime totalitário.

A vida do Doutor Ulysses e a trajetória PMDB se misturam com a história e com o futuro do Brasil.

Tanto ele, com sua vocação política, quanto a legenda, pertencem ao dia a dia da sociedade brasileira, às instituições e à cultura política. Afinal, todo o mundo que transita pela vida pública tem, em seu DNA, um pouco de PMDB.

Lá atrás, nos tempos mais sombrios da ditadura incansável, comandou Doutor Ulysses, nas ruas, o processo de redemocratização e conquistou a volta das liberdades e dos direitos individuais e coletivos.

Quem há de esquecer as cenas históricas do Doutor Ulysses em 1978 ao desembarcar na Bahia nos anos mais duros da tirania?



Aquela frágil figura enfrentando as baionetas da tropa de choque da polícia e seus cães raivosos. Bradava ele solitário, no meio das ruas, fazendo a polícia recuar e empurrando o cano de um fuzil apontado contra si:

*“Respeitem o líder da oposição”.*

Exatamente por isso, pelo destemor e ousadia, ele foi e sempre será respeitado. Afinal, em seu *Decálogo de Estadista*, o próprio Ulysses resumiu: *“o medo tem cheiro. Os cavalos e cachorros sentem-no, por isso derrubam o mordem os medrosos”.*

Foi o PMDB, sempre capitaneado pela lucidez e coragem de Ulysses, que lançou um anticandidato à Presidência, figura simbólica e fundamental para o Brasil; foi o PMDB de Ulysses que costurou a distensão, a anistia, acabou com o bipartidarismo, com o processo espúrio do colégio eleitoral, e puxou o coro vitorioso das Diretas Já. Foi o PMDB que comandou as últimas revoluções do País, muito embora tenham sido revoluções silenciosas.

A maior delas, inequivocamente, foi Assembleia Nacional Constituinte, conquistada junto com a sociedade pelo PMDB e convocada pelo nosso Presidente José Sarney e presidida magistralmente por Ulysses.

*“Não é a Constituição perfeita, mas será útil, pioneira, desbravadora. Será luz, ainda que de lamparina, na noite dos desgraçados”.*

Esta frase do Doutor Ulysses, sem dúvida, mais do que uma promessa, foi uma esperança que acabou se transformando em profecia.

A Constituição Cidadã, assim batizada pelo Doutor Ulysses, com quem tivemos a honra de conviver e aprender, transformou o Brasil.

Ela devolveu as prerrogativas e poderes de um Congresso garroteado pela



ditadura, deu autonomia ao Judiciário, ao Ministério Público até então decorativo. Restabelecemos as eleições livres e diretas, e os direitos sociais e coletivos foram resgatados. A Constituição de 88, mesmo com suas imperfeições compreensíveis, enterrou a ditadura, sepultou o atraso e devolveu o Brasil para sua vocação de futuro, caminho que trilhamos neste momento.

De lá para cá, conquistando a confiança dos eleitores e entre as grandes legendas, é um dos poucos que cresce a cada pleito.

Tradução numérica de que a direção do partido, representada pelos Presidentes Michel Temer e agora nosso Senador Valdir Raupp, está sintonizada com a sociedade.

A última eleição presidencial foi histórica para o Brasil e, particularmente, para o PMDB. Depois de anos de divisões internas, o apoio firme, desassombrado, a continuidade de um programa de governo que está dando certo apagou as ambiguidades do passado. A formalização da aliança com a Presidente Dilma Rousseff, com a indicação do Vice-Presidente Michel Temer, foi um gesto de coerência e resultado do desejo da ampla maioria do partido que se mantém.

Foi esta aliança, que conta com a liderança e o indispensável equilíbrio e trânsito do Vice-Presidente Michel Temer, que ajudou a implementar e a aprovar as políticas hoje vitoriosas. Devemos, portanto, perserverar neste sentido.

A trajetória do PMDB e do Doutor Ulysses, reitero, se confunde com a história do Brasil. Ela está atrelada à responsabilidade e à justiça social. Ao longo dos últimos anos, o PMDB tem sido o pilar da governabilidade e do crescimento. Zelar por esta legenda é a maior homenagem que podemos fazer ao legado do Doutor Ulysses.



Em respeito aos votos confiados ao partido, o PMDB vem honrando seus compromissos históricos com o Brasil.

Depois da reconquista dos direitos mais elementares, a democracia precisa ser completada com justiça e inclusão social. As novas transformações vieram e estão acontecendo agora no campo socioeconômico.

O País retirou mais de 30 milhões de brasileiros da miséria, a classe média aumentou substancialmente, criamos mais de 15 milhões de novos empregos com carteira assinada, distribuimos renda, aumentamos salários, e o País vem crescendo e distribuindo riquezas.

Mas é preciso avançar na reestruturação do Estado e nas reformas. *“A Nação deve mudar, a Nação vai mudar”*, como conclamou Ulysses quando instalou a Assembleia Nacional Constituinte.

Fizemos várias mudanças infraconstituicionais relevantes, que não afastam a imperiosidade das reformas constitucionais que o País reclama. Entre elas, a reforma tributária que simplifique tributos e aumente a base e a inadiável reforma política.

Olhar para trás nos dá a sensação de dever cumprido, mas ainda há muito a ser feito. Afinal, democracia não só o direito de ir e vir, o direito de votar. É também mobilidade econômica, igualdade de oportunidades para todos e justiça social. Sem isso, nenhuma democracia estará completa, nenhum democrata estará satisfeito. Construimos a democracia, construimos a cidadania e vamos ajudar a criar o Brasil potência. Esta é a mais sincera homenagem que devemos fazer em nome de Ulysses Guimarães, nosso inesquecível timoneiro.

Muito obrigado.



**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB-RR. Sem apanhamento taquigráfico.) - Sr. Presidente, Sras. Senadoras e Srs. Senadores, em uma rápida olhada na vida política da República brasileira podemos observar um trajeto bastante sinuoso, em que as instituições democráticas foram com, grande frequência, postas de lado. O nosso mais recente ciclo democrático veio após o mais longo período ditatorial. Foram 21 anos de regime militar, em que a arbitrariedade, a suspensão das liberdades civis e dos direitos individuais se tornaram comuns. O silêncio e o medo se tomaram a regra. Ser oposição era coisa ousadíssima. Agora, com um pouco mais de esforço podemos perceber que era preciso muita coragem para ser Líder da Oposição.

Ulysses Guimarães ocupou tal posto, o de Líder da Oposição, a partir de 1971, momento dos mais duros do regime militar, em que o Estado de Direito era uma ficção. Nos momentos mais desesperadores do início da década de 1970, muitos defendiam autodissolução do MDB, o partido da oposição consentida.

Ulysses, contrariamente a essa sugestão, consolidou sua liderança política, pacificou os grupos dentro do partido e os convenceu de que era possível derrotar o regime militar por meio das próprias regras criadas pela ditadura.

Em 1974 foi o anticandidato à Presidência da República, com o lema *Navegar é preciso, viver não é preciso*, haja vista que era sabedor da impossibilidade de derrotar o candidato da ditadura, o Gen. Ernesto Geisel.

A ditadura militar lançou mão de muitas estratagemas para se manter no poder. Um dos quais foi a dissolução da ARENA e do MDB. Ulysses conseguiu manter viva a chama pela redemocratização com o lançamento do PMDB, cujas diretrizes foram a continuidade da luta pelas eleições diretas em todos os níveis,



anistia ampla, geral e irrestrita, restauração das prerrogativas do Congresso e convocação de Assembleia Nacional Constituinte.

A grande vitória peemedebista nas eleições de 1982 levou o partido a empunhar com mais força ainda a bandeira das eleições diretas para Presidente da República. Ulisses foi um dos principais defensores da ideia e logo passou a ser chamado de Senhor Diretas pela imprensa.

A emenda pelas eleições diretas foi derrotada, mas não o sonho de retorno à democracia. E o ápice da vida política de Ulysses foi a Presidência da Assembleia Nacional Constituinte. No discurso que fez em 5 de outubro de 1988, quando a Constituição foi promulgada, ele afirmou:

*“A Constituição certamente não é perfeita. Ela própria o confessa, ao admitir a reforma.*

*Quanto a ela, discordar, sim. Divergir, sim. Descumprir, jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da Pátria. Conhecemos o caminho maldito: rasgar a Constituição, trancar as portas do Parlamento, garrotear a liberdade, mandar os patriotas para a cadeia, o exílio, o cemitério.”*

É preciso manter viva a memória de Ulysses pelo que ele representou em nossa vida pública e pelo que ele ainda representa como exemplo de dignidade, honestidade e defesa da democracia e do respeito pela coisa pública.

Muito obrigado.



---

**O SR. CASILDO MALDANER (PMDB-SC. Sem apanhamento taquigráfico.) -**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, *“chegamos! Esperamos a Constituição como o vigia espera a aurora. Bem-aventurados os que chegam. Não nos desencaminhamos na longa marcha, não nos desmoralizamos capitulando ante pressões aliciadoras e comprometedoras, não desertamos, não caímos no caminho”*. Com essas palavras, Ulysses Guimarães deixou ao País o seu maior legado, o alicerce sólido sobre o qual erguemos nossa Nação: a Constituição da República, a Constituição Cidadã.

Ouvidas hoje, com o distanciamento que os 20 anos de sua morte nos trazem, tais palavras revelam mais do que a conclusão do árduo trabalho à frente da Assembleia Nacional Constituinte. São a mais perfeita tradução da história de vida desse nobre brasileiro, com quem tive a satisfação e a honra de conviver.

Nascido no interior do Estado de São Paulo, Ulysses dedicou a vida à atividade política, à construção de um país mais justo e igualitário. Foi, contudo, durante os anos de chumbo, quando estivemos sob o jugo de uma ditadura militar, que Ulysses desfraldou sua maior e mais importante bandeira: a defesa inarredável da democracia e da liberdade.

Não pretendo estender-me no relato de sua longa e profícua biografia, afinal, já o fizeram, com talento, os oradores que me antecederam. Seu legado, que até hoje é bússola de nossos ideais, e sua voz forte, que não se calou no coração dos brasileiros, são conhecidos de todos.

Não me furto, no entanto, a lembrar algumas gratas passagens de nossos anos de convivência, que tanto me ensinaram. Fomos correligionários no velho MDB de guerra, desde sua fundação. Aproximamos-nos ainda mais quando exerci, a seu





---

lado, mandato na Câmara dos Deputados, no período de 1983 à 1987 — naqueles anos de abertura política e da belíssima luta pelas eleições diretas, que renderam à Ulysses um de seus codinomes: o “Senhor Diretas”.

Outro igualmente se amalgamou à sua biografia: “Pai da Constituição”.

Foi também nesse período que militamos na Executiva Nacional do PMDB: Ulysses era nosso Presidente, enquanto ocupei a função de Primeiro Secretário.

Desse rico período, guardo vivas as memórias e ensinamentos. O principal deles, sem dúvida, reafirma o poder do diálogo e da troca de ideias, elementos essenciais na construção democrática. Sem jamais arredar de suas convicções, Ulysses esteve sempre aberto à conversa na busca pelo entendimento. Inesquecíveis as noites de conversa ao redor da antológica mesa do Piantella.

Mais tarde, quando tive a honra de governar Santa Catarina, em 1991, convidei-o para inaugurar uma importante obra, a ponte que liga a parte continental à insular, em Florianópolis, Capital do Estado, com o nome “Pedro Ivo Campos” — justa homenagem a outro guerreiro peemedebista que tombou em combate. Mesmo cansado e absorto por um sem-número de compromissos, ele lá esteve, levando uma multidão de catarinenses a saudá-lo. Chegou a declarar que não deixaria de comparecer ao ato, ainda que tivesse de ir de ônibus, a pé ou mesmo nadando à nossa Ilha de Santa Catarina.

São momentos que guardo com carinho e saudade, de longos anos de convivência. Sentimentos que, tenho absoluta convicção, são compartilhados por milhões de brasileiros. Nestes 20 anos, muita coisa mudou, e as sementes plantadas por Ulysses frutificaram. O maior e mais belo exemplo ocorreu há pouco mais de uma semana, quando fomos às urnas exercer livremente o ato maior da democracia



e da cidadania: o voto livre e universal.

Há, contudo, muito ainda por fazer, injustiças a corrigir. Nossa missão, como brasileiros e, ainda mais, como representantes políticos da vontade popular, é inesgotável, sem fim — e Ulysses, que sabia disso, afirmava: *“morrerei fardado, e não de pijama”*.

Encerro minha fala como a iniciei, recorrendo ao mesmo pronunciamento de nosso apóstolo, do Moisés que buscou incansavelmente guiar seu povo, pois proféticas foram suas palavras:

*“Político, sou caçador de nuvens. Já fui caçado por tempestades. Uma delas, benfazeja, me colocou no topo desta montanha de sonho e de glória. Tive mais do que pedi, cheguei mais longe do que mereço.*

(...)

*Adeus, meus irmãos. É despedida definitiva, sem o desejo de retorno. Nosso desejo é o da Nação: que este Plenário não abrigue outra Assembleia Nacional Constituinte.*

(...)

*A Constituição pretende ser a voz, a letra, a vontade política da sociedade rumo à mudança.*

*Que a promulgação seja nosso grito:*

*- Mudar para vencer!*

*Muda, Brasil!”*

São nossas reflexões, Sr. Presidente.

Muito obrigado.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB-AP) - Renovando os meus agradecimentos à família do Dr. Ulysses e de D. Mora, quero agradecer, mais uma vez, a presença de todos e dizer que acredito que hoje, aqui no Senado, foi uma pequena mostra do quanto o Dr. Ulysses deixou de falta para o País e quanto a sua presença foi importante e marcou várias e várias gerações. E marcará em termos de futuro também.

Portanto, o que o Senado fez hoje foi oferecer, como se dizia antigamente, uma coroa de sonetos ao Dr. Ulysses. Que ele receba essa coroa de sonetos onde estiver como uma prova da estima, do carinho, da amizade de todos os políticos que com ele conviveram ou testemunharam a sua ação.

Se pudéssemos estender por muito mais tempo esta sessão, acredito que teríamos dezenas e dezenas de oradores, porque todos querem homenagear Ulysses Guimarães. Mas nós o homenageamos em nome de todos. Que ele receba esta homenagem como um carinho não só do Senado, mas do povo brasileiro, através de nossas representações.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

(*Levanta-se a sessão às 20 horas e 28 minutos.*)